

**II CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM SAÚDE MENTAL,
ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS – II CESMAD**

INGRID CONCEIÇÃO OLIVEIRA QUEIROS

**RELAÇÕES DE GÊNERO E LOUCURA: REFLEXÕES A PARTIR DO
DOCUMENTÁRIO ESTAMIRA**

BRASÍLIA-DF

2015

**II CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM SAÚDE MENTAL,
ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS – II CESMAD**

INGRID CONCEIÇÃO OLIVEIRA QUEIROS

**RELAÇÕES DE GÊNERO E LOUCURA: REFLEXÕES A PARTIR DO
DOCUMENTÁRIO ESTAMIRA**

Monografia apresentada ao II Curso de Especialização em Saúde Mental, Álcool e Outras Drogas do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília para a obtenção do Título de Especialista em Saúde Mental, Álcool e Outras Drogas.

Orientado por: Prof. Dr. Ileno Izídio

BRASÍLIA-DF

2015

**II CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM SAÚDE MENTAL,
ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS – II CESMAD**

INGRID CONCEIÇÃO OLIVEIRA QUEIROS

**RELAÇÕES DE GÊNERO E LOUCURA: REFLEXÕES A PARTIR DO
DOCUMENTÁRIO ESTAMIRA**

Esta Monografia foi avaliada para a obtenção do Grau de Especialista em Saúde Mental,
Álcool e Outras Drogas, e aprovada na sua forma final pela Banca a seguir.

Data: ____/____/____

Nota: _____

Prof. Dr. Ileno Izídio da Costa
Coordenador Geral do II CESMAD

Avaliador 1

Avaliador 2

BRASÍLIA – DF

2015

Autorização para Publicação Eletrônica de Trabalhos Acadêmicos

Na qualidade de titular dos direitos autorais do trabalho citado, em consonância com a Lei nº 9610/98, autorizo a Coordenação Geral do II CESMAD a disponibilizar gratuitamente em sua Biblioteca Digital, e por meios eletrônicos, em particular pela Internet, extrair cópia sem ressarcimento dos direitos autorais, o referido documento de minha autoria, para leitura, impressão ou download e/ou publicação no formato de artigo, conforme permissão concedida.

Ao meu amor

AGRADECIMENTOS

A equipe de apoio e aos professores do II curso de especialização em saúde mental, álcool e outras drogas – II CESMAD pela oportunidade de realizar este curso que despertou em mim importantes reflexões sobre minha prática em Saúde Mental.

Agradeço, especialmente a Prof.^a Dr^a Valeska Zanello, por me iniciar nas questões de Saúde Mental e Gênero e reacender em mim o desejo pela busca de conhecimento.

Aos colegas de curso, companheiros nesta caminhada, muitas vezes cansativa, mas que se tornou suportável pela interessante compartilha de experiências, e, claro, pelas conversas divertidas nos horários dos intervalos.

A Fabiana Angélica, gerente do CAPSad Ceilândia, que incentivou esta capacitação e com quem muito tenho aprendido sobre o trabalho ético em Saúde Mental.

Aos colegas do CAPSad Ceilândia pela disponibilidade no compartilhar.

Ao meu namorado, Leandro, que me ensinou a chegar na UNB, suportou minha ansiedade durante o curso e me nutre com o principal, o amor.

A família Nogueira de Paula, pela generosidade e acolhimento.

Aos meus pais

A mim.

Tudo que é imaginário tem, existe, é. Sabia que tudo que é imaginário existe e é e tem? Pois é...

(Anexo A)

RESUMO

Este trabalho analisa o documentário “Estamira” com o intuito de refletir sobre o tema relações de gênero e sua associação com a loucura. A protagonista, personagem da vida real, atualmente falecida, foi uma mulher que trabalhou por vinte anos no aterro sanitário do Jardim Gramacho (Rio de Janeiro- Brasil) e sofreu de delírios e produções psicóticas de conteúdo filosófico que tratavam de temas existenciais e da sociedade. Assim sendo, foram propostas três reflexões. Na primeira, discutiu-se como as relações de gênero desiguais e os estereótipos de gênero podem levar ao adoecimento psíquico. Na segunda, realizou-se uma leitura gendrada sobre a história da loucura, com ênfase na loucura feminina. Por fim, abordou-se como diagnósticos e tratamentos em Saúde Mental podem contribuir para a medicalização da existência encobrendo questões psicossociais. Realizada esta tarefa, concluímos que se faz necessário que profissionais e gestores em Saúde Mental observem a influência das questões de gênero no adoecimento psíquico, a fim de evitar que sejam negligenciados fatores psicossociais presentes em muitas mulheres diagnosticadas como portadoras de transtorno mental.

Palavras-chave: relações de gênero, loucura feminina, tratamento.

ABSTRACT

This paper analyzes the documentary “Estamira” to reflect upon the topic gender relations and its association with madness. Estamira, a real life character currently deceased, was a woman who worked for twenty years at the Jardim Gramacho landfill (Rio de Janeiro- Brazil) and suffered delusion and psychotic productions of philosophical content which dealt with existential and social themes. Three reflections were, therefore, proposed. Firstly, it was discussed how unequal gender relations stereotypes may lead to psychic illness. Secondly, a reading was done on the history of madness, emphasizing madness on women. Finally, we canvass how diagnoses and treatments in mental health may contribute to the “prescribezation” of existence, which conceals psychological issues. Those tasks accomplished, we conclude that it is necessary for mental health professionals and managers to observe the influence of gender issues on psychic illness, to avoid the neglecting of psychosocial factors found on many women diagnosed as mentally ill.

Keywords: gender relations, women madness, treatment.

LISTA DE ABREVIATURAS

CAPS: Centro de Atenção Psicossocial

RT: Residência Terapêutica

SUS: Sistema Único de Saúde

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. REFLEXÃO I:	
2.1. Apresentando Estamira	14
2.2. Explorando o conceito de Gênero	16
2.3. Gênero enquanto dispositivo de controle	19
2.4. O dispositivo da Violência como componente para o adoecimento psíquico	23
3. REFLEXÃO II:	
3.1. Diferentes concepções sobre a Loucura	26
3.2. As mulheres e a História da Loucura	29
3.3. Estamira e a Loucura	32
4. REFLEXÃO III:	
4.1. A questão do diagnóstico	34
4.2. Tratamento em Saúde Mental	39
5. CONCLUSÃO	44
REFERÊNCIAS	46
ANEXO A- Transcrição do Documentário Estamira	48

Introdução

Na graduação em psicologia, aprendi teorias voltadas para atender casos de pessoas que sofriam com problemas neuróticos e pertenciam a uma classe econômica favorecida, capaz de financiar um tratamento particular de longo prazo.

No entanto, ao iniciar minhas atividades profissionais, ingressei no serviço público, onde a demanda, é essencialmente, formada por pessoas que vivem em situações socioeconômicas precárias. Neste cenário, durante cinco anos ininterruptos atuando como psicóloga, pude verificar que muitas situações de sofrimento psíquico se relacionavam, sobretudo, a modos de vida permeados pela exclusão social, pobreza e violência, que juntos, são capazes de comprometer a saúde mental de indivíduos.

Lançado este desafio epistemológico e prático, fonte de angústia diária, iniciei uma busca por recursos teórico-práticos a fim de desenvolver estratégias de enfrentamento mais adequadas às demandas, mas somente por meio do II curso de especialização em saúde mental, álcool e outras drogas – II CESMAD pude ampliar e consolidar meu repertório conceitual, o que reverberou na minha atuação enquanto profissional de Saúde Mental, tornando-me mais engajada do ponto de vista político.

Entre aulas teóricas e vivências sobre diversos temas da Saúde Mental, destaco o contato que tive com a professora Dr^a Valeska Zanello, cujo discurso feminista apontava para a seguinte questão: quem são as loucas que estamos tratando?

Durante o módulo sobre Semiologia do Sofrimento Humano, a professora Valeska descreveu o cenário encontrado em sua pesquisa em dois hospitais psiquiátricos públicos situados no Distrito Federal, onde junto com seus alunos analisou prontuários de pacientes do sexo feminino e observou que expressões como “choro imotivado” ou “dificuldade de realizar tarefas domésticas” apareciam repetidamente nas evoluções clínicas, que ao serem contrastadas em entrevistas com as pacientes configuravam uma desqualificação do sofrimento psíquico da mulher.

Intrigada por este discurso e estas conclusões científicas, busquei aprofundar-me no conteúdo e cursei paralelamente ao curso de especialização uma disciplina de mestrado ministrada pela professora em questão, onde tive contato com textos e autores, que me ajudaram a compreender o quanto as relações de gênero desiguais podem levar ao adoecimento psíquico.

Sendo assim, optei por realizar um trabalho de monografia que de alguma forma abordasse a temática gênero e saúde mental, cuja riqueza possibilita transitar entre variados vieses, mas dado o reduzido prazo para entrega do texto final, considerei pertinente trabalhar a questão de gênero, a partir de três reflexões básicas correspondentes aos capítulos deste estudo.

No primeiro capítulo, levantei a questão de como as relações de gênero desiguais e os estereótipos de gênero podem levar ao adoecimento psíquico. No segundo, aprofundi a questão da história da loucura, sem me furtar de mencionar como o sofrimento feminino vem sendo desvalorizado e invisibilizado ao longo do tempo e por último tratei a questão do diagnóstico e tratamento em saúde mental e o quanto que os fatores psicossociais, entre eles, as relações de gênero, estão sendo negligenciados no ato de diagnosticar e tratar, apesar da inegável influencia no processo de adoecimento psíquico.

Como estratégia metodológica, realizei uma análise do documentário “Estamira” por considerar que o seu conteúdo, se bem alinhavado com o referencial teórico, ilustra a contento as idéias principais aqui tratadas.

A personagem principal deste premiado documentário, lançado em 2006, sob direção de Marcos Prado, conta a história de Estamira Gomes de Sousa (Estamira), uma senhora que apresentava distúrbios mentais, vivia e trabalhava (à época da produção do filme) no aterro sanitário de Jardim Gramacho, localizado no município de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, estado do Rio de Janeiro. Estamira, tornou-se famosa pelo seu discurso filosófico, cujo conteúdo trazia reflexões existenciais acerca de si mesma e da sociedade. Ela acreditava ter a missão de revelar os princípios éticos básicos para as pessoas que viviam fora do lixão, onde viveu por 22 anos, até morrer aos 70 anos por consequência de uma septicemia, em setembro de 2011 (cinco anos após o lançamento do documentário).

No documentário, de acordo com relatos da protagonista e de seus três filhos, há a descrição de vivências de violências sexuais, físicas, morais e sociais, sofridas desde a infância e que, ao meu ver, dizem respeito a questões de gênero e invisibilização do sofrimento feminino.

Na esteira desta descrição, este trabalho se torna relevante por contemplar o viés de gênero na área da saúde mental, visto que ainda são incipientes os estudos nesta área, já que conforme Zanello (2012) causam desconforto geral, uma vez que abalam certezas sobre uma

suposta neutralidade científica no trato com os pacientes, questionando valores e relações de poder.

Reflexão I

Eu, Estamira, eu não concordo com a vida. Eu não vou mudar meu ser, eu fui visada assim. Eu nasci assim... e eu não admito... as ocorrências que existem... que tem existido com os seres... sanguíneo... terrestre. Não gosto de erros, não gosto de suspeitas... não gosto de judiação, de perversidade... não gosto de homilhação... não gosto de imoralidade.... (Anexo A)

Estamira perdeu o pai ainda na infância e junto com sua mãe, adocida mentalmente, ficou um período vagando pelas ruas até passar aos “cuidados” do avô materno, o qual em resposta a um pedido de Estamira a uma compra de uma sandália abusou dela sexualmente deixando-a em um bordel, onde se prostituiu até os dezessete anos, época em que conheceu seu primeiro marido, pai de Hernani, o mais velho de seus três filhos.

Contudo, a união que parecia ser a “tábua de salvação” de Estamira converteu-se em mais um dos componentes favoráveis ao desenvolvimento do seu adoecimento psíquico, dado que Estamira vivenciou um relacionamento permeado por atos de violência física e psicológica.

Optando por sair de casa com o filho, Estamira encontrou abrigo na casa de uma parente em Brasília, onde conheceu o pai de sua segunda filha Carolina, com quem viveu por doze anos. No entanto, conforme relato de Carolina, o cenário conjugal continuava favorecedor ao adoecimento mental:

Vivia com o meu pai, né? Numa casa boa... meu pai era mestre de obra... ganhava razoavelmente bem. Tinha uma Kombi, tinha uma... na época uma Belina. Ela andava com... com... pecinhas de ouro... eu também tinha bastante, meu pai dava... Até então tudo bem. Vivia bem com ele, mas o meu pai judiou muito dela... muito, muito dela mesmo. Com traição... Levava mulher até dentro de casa dizendo que era colega. Aí ela não aceitou. Aí, ela começou a brigar, xingar... Aí ele puxou a faca pra ela, ela puxou pra ele, aquela brigarada toda. Aí botou a gente pra fora... aí de lá começou... a luta, né? (Anexo A)

Novamente expulsa de casa, agora com dois filhos, Estamira começou a trabalhar no Lixão Jardim Gramacho. Entretanto, após os primeiros anos, atendeu a solicitações de seus filhos que criticavam a periculosidade e insalubridade do local e arrumou um emprego numa firma chamada Mar e Terra mantendo-se um período afastada do Lixão.

Durante suas voltas para casa, ao final do expediente de trabalho, Estamira foi vítima de estupro, não apenas uma, mas duas vezes. Sendo que após o último episódio de estupro,

não suportou a sequência de acontecimentos brutais que a acompanhavam em sua trajetória de vida e como reação apresentou uma “quebra psíquica”, desenvolvendo delírios e alucinações, tal como explica Carolina:

“... foi estuprada uma segunda vez aqui nessa mesma rua que eu moro. Na época, não tinha nem luz aqui. Aí falou, né, que... o cara fez sexo anal com ela e ela gritando: “Pára com isso, pelo amor de Deus!” – “Que Deus? Esquece Deus!”, o estuprador falava pra ela. E fez sexo de todas as formas que quis com ela e depois mandou ela ir... “Se adianta, minha tia, se adianta”, mandou ela embora. Aí, chorava, contava esse caso... Ela é muito revoltada, né? Nesse tempo ela não tinha alucinação nenhuma... não tinha perturbação nenhuma... muito religiosa... e acreditava que Deus ia... que aquilo que ela tava passando tipo... era uma provação. Começou a alucinação assim: Ela começou a chegar em casa... e falou assim: “Dona Maria”, que é minha sogra... “Você sabe que, quando eu cheguei lá no meu quarto hoje pra trabalhar... tinha feito um trabalho de macumba pra mim. Agora você vê se eu acredito nessas coisas, nessas palhaçadas, danada... o pessoal, em vez de trabalhar, né, pra adquirir as coisas...” Aí pisou na macumba, jogou a tal da macumba fora... fez não sei o que lá mais... “Eu vou acreditar nessas coisas nada... que Deus me protege, Deus é... é tudo... é Deus que me guia e me guarda.” Tá bom. Aí um mês depois começou, ó: “Tem gente... tem... eu tenho a impressão que tem gente do FBI atrás de mim... Eu tenho a impressão que tem pessoas que tá no.. eu tô... quando eu não sei pra quê. Um tipo com câmara escondida.” (Anexo A)

Esta história nos revela como se deu o processo de adoecimento psíquico de Estamira, ficando claro que além da influência genética e hereditária (sua mãe era esquizofrênica e apresentava histórico de internações psiquiátricas). Estamira viveu um crescente de situações limítrofes em sua vida que culminaram na eclosão de surto psicótico e que podem ser analisadas sob o viés de gênero, conforme faremos ao longo deste trabalho.

Explorando o conceito de “gênero”

O conceito de gênero, de acordo com Zanello e Bukowitz (2012), é uma categoria de descrição e análise de interações sociais que se desenvolveu a partir do movimento feminista e questionava os papéis sociais desempenhados por homens e mulheres, bem como a submissão destas últimas.

Nicholson (2000) esclarece que o conceito “gênero” tem sido usado de duas formas diferentes e até contraditórias, uma com ênfase na diferença biológica e outra na diferença dos papéis sociais. A vertente biológica considera o gênero um conceito que está atrelado à noção de “sexo” (genitália), e que se organiza a partir da lógica da diferença sexual biológica. Nesse contexto, o biológico é um “dado” que revela uma materialidade, na qual características específicas são sobrepostas. Deste modo, se uma pessoa nasce com um “pênis” ou uma “vagina” será esperado que desempenhe certos comportamentos específicos.

Entretanto, nas palavras de Scott apud Nicholson (2000):

... isso não significa que o gênero reflita ou produza diferenças físicas fixas e naturais entre mulheres e homens; mais propriamente, o gênero é o conhecimento que estabelece significados para diferenças sexuais (...) Não podemos ver as diferenças sexuais a não ser como uma função de nosso conhecimento sobre o corpo, e esse conhecimento não é puro, não pode ser isolado de sua implicação num amplo espectro de contextos discursivos. (Pág. 02)

Seguindo a definição supracitada, a outra vertente que considera o gênero como algo socialmente construído, reflete quais são os parâmetros impostos pela cultura acerca das formas de se comportar para homens e mulheres, sendo portanto uma referência no processo de construção social da distinção entre masculino e feminino, na qual o corpo é visto a partir de uma interpretação social.

Zanello e Bukowitz (2012) descrevem que o gênero é então marcado pelo sistema cultural e no caso das sociedades ocidentais, o conceito não deve ser desatrelado da questão do patriarcado; sistema que subentende uma relação hierárquica que subjuga e desprivilegia o feminino em relação ao masculino.

Castells apud Diniz (2004) define o patriarcalismo da seguinte forma:

Caracteriza-se pela autoridade, imposta institucionalmente do homem sobre a mulher e filhos no âmbito familiar. Para que essa autoridade possa ser exercida, é necessário que o patriarcalismo permeie toda a organização da sociedade, da produção e do consumo à política, à legislação, à cultura. Os relacionamentos

interpessoais e, conseqüentemente a personalidade, também são marcados... (Pág. 173)

Deste modo, acrescenta Diniz (2004), faz parte do patriarcalismo o assujeitamento feminino às necessidades dos homens e da família, onde ao primeiro a mulher deve respeito e ao segundo devoção total.

Atualmente, explicam Zanello e Bukowitz (2012), o conceito “gênero” foi substituído pelo conceito “relações de gênero”, visto que gênero é uma categoria relacional, já que os papéis sociais são complementares, superpostos e pertencem a um mesmo modo de funcionamento social, impossibilitando, portanto, o estudo de homens e mulheres separadamente.

Assim, gênero é uma categorial relacional, na qual os comportamentos, tarefas e tipos de trabalho estão distribuídos entre os sexos e de acordo com cada cultura, num contexto historicamente produzido que é transpassado por interesses políticos e econômicos. Por isso, de acordo com Santos apud Zanello e Bukowitz (2012), o que *“parece se tratar de uma experiência subjetiva de cada sujeito enquanto homem e enquanto mulher encontra-se na realidade submetido a valores e normas conformadas pela sociedade.”*

Segundo Zanello e Bukowitz (2012), as relações de gênero são a priori, relações permeadas de poder. Em nossa cultura o gênero é marcado pelo sistema patriarcal das sociedades ocidentais, onde a mulher é historicamente colocada à margem.

Estes valores e papéis, na opinião das autoras, quando tomados como balizas no julgamento de si mesmo, podem afetar o narcisismo e a autoestima da pessoa, sendo, portanto um fator desencadeador de sofrimento psíquico.

Assim sendo, papéis, valores e estereótipos regem a vida das pessoas ainda que elas não tenham consciência disso, determinando as habilidades sociais, isto é, o que se pode esperar de cada sexo, formando os estereótipos de gênero, que nada mais são do que um conjunto de idéias simples e já fortemente aceitas pela cultura que possuem força psicológica e produzem, nas palavras de Zanello e Bukowitz (2012), realidade material.

Gênero enquanto dispositivo de controle

Refletir o gênero significa desnaturalizar certas diferenças tidas como intrínsecas e ampliar a percepção de como essas relações foram sendo construídas. Ao realizar esta árdua tarefa, percebe-se que os valores sociais, os papéis e os estereótipos, são elementos simbólicos que estão presentes na cultura e ditam quais as formas de atuar e as habilidades sociais esperadas de uma pessoa de acordo com seu sexo, o que mantém, em certo sentido, o controle social.

Segundo Engel (2004), uma das imagens criadas em torno das mulheres após o século XIX associa a mulher à natureza, ao mesmo tempo em que a opõe a cultura, esta identificada com o homem, o que reforça a dicotomia: homens, cérebro, razão, capacidade de decisão *versus*, mulheres, coração, sensibilidade, sentimentos.

Engel (2004), ao tratar da mulher do ponto de vista histórico ressalta que a construção da imagem feminina qualificou a mulher ou como naturalmente frágil, bonita, sedutora, submissa e doce ou como tendenciosa a perfídia e a amoralidade, o que conduziu a uma ambiguidade na construção da imagem do feminino.

A mulher vista como um desequilíbrio entre atributos positivos e negativos, explica Engel (2004) a transformou num ser moral e socialmente perigoso, que deveria ser submetido a um conjunto de medidas socialmente normalizadoras e rígidas capazes de assegurar a sua sujeição aos papéis sociais, entre os quais se destacam os de mãe e esposa.

A fim de explicar a forma pela qual a sociedade controla e influencia as performances sociais de gênero, autoras como Zanello (2012) e Sawin (2014), recorreram à noção de “dispositivo”.

Para Foucault apud Swin (2014), a noção de “dispositivo” é um instrumento teórico, que ajuda a compreender o controle social sobre os indivíduos. Este filósofo, assim o define como:

... um conjunto de estratégias sociais e de biotecnologias de poder que produzem corpos sexuados significando-os enquanto sexo social. Os mecanismos do dispositivo constituem e são engendrados por conexões de poder. É assim que as instituições, as leis, as mídias, a linguagem, a divisão de trabalho, as condições de produção e de imaginação sociais são elementos do dispositivo. Criam e são criados em certas configurações de saber e dão origem a poderes diversificados. (Pág. 07)

Segundo Marcelo apud Zanello (2012) estes dispositivos constroem caminhos privilegiados de subjetivação, isto é, uma produção pedagógica do sujeito sobre si mesmo, que traduz uma verdade que a pessoa produz sobre ela mesma. Neste contexto, Swain (2014), cita a existência de pelo menos três tipos de dispositivos sobre a mulher: o da sexualidade, o amoroso e o da violência.

Swain (2014) o dispositivo da sexualidade, regido pelo sistema patriarcal, inicialmente baseou-se numa imagem onde as mulheres eram vistas como anjos do lar e guardiãs de virtudes moralistas. As restrições recaiam, assim, sobre a esfera da sexualidade e do corpo feminino, os quais eram naturalmente moldados para o desempenho da maternidade e dos deveres domésticos.

Zanello (2012) explica que existe uma afirmação da identidade por meio da maternidade, cuja essência naturalmente implicaria no cuidado com o outro, capaz de nutrir emocional e fisicamente os outros. Nessa lógica o ideal é que desenvolvam uma economia emocional voltada para os outros.

Há uma expectativa em torno da performance feminina no papel materno, a qual Estamira não escapou de ser alvo, como no exemplo de Maria Rita, filha mais nova de Estamira que foi entregue outra família ainda na infância devido aos perigos que a vida no lixão lhe oferecia:

Se minha mãe criou os dois... passando fome, eu achava que ela tinha que ter me criado também. Ela tinha condições de ficar comigo, sim. (Anexo A)

Swain (2014) menciona também a existência do dispositivo amoroso, que corresponde a práticas e representações sociais que fortalecem no imaginário social a imagem da “verdadeira mulher”, repetindo que suas qualidades e deveres devem ser baseados na doçura e amorosidade para com os outros em detrimento de si. Complementando, a autora refere que:

O amor está para as mulheres assim como o sexo está para os homens: necessidade, razão de viver, razão de ser, fundamento identitário. O dispositivo amoroso investe e constrói corpos-em-mulher, prontos a se sacrificar, a viver no esquecimento de si pelo amor de outrem. (Pág. 08)

Sendo assim, o dispositivo amoroso cria mulheres dóceis, ancorado num pré-conceito do senso comum, propagado e instituído por um conjunto de discursos sociais, acerca da natureza feminina. Neste sentido, a capacidade de procriar passa a definir as mulheres como

“verdadeiras mulheres”. Está presente nas representações do feminino e na auto-representação da mulher em torno da figura da mãe. Procriar, reproduzir a espécie, passou a significar socialmente o feminino e esta significação social chama-se maternidade. (Swain, 2014)

Deste modo, se a construção social específica do feminino encontra no dispositivo amoroso uma construção histórica importante para constituição das subjetividades das mulheres em nossa cultura, o amor materializado no casamento e na maternidade tem um peso em nossa cultura. Por isso, tanto a maternidade quanto a conjugalidade podem representar um fator de risco ou proteção à saúde mental das mulheres.

No caso de Estamira, a vivência da conjugalidade, colocou a sua saúde mental em risco. Quantas violências sofridas foram invisibilizadas? O adoecimento psíquico foi o tributo pago por Estamira, para viver de acordo com o dispositivo amoroso através de um casamento que deveria lhe conferir uma confirmação social de ser “uma verdadeira mulher”, mas que ao contrário, lhe feriu o narcisismo. Não por acaso, o conteúdo de seus “delírios” era grandioso em sua auto-referência, possivelmente compensando seu narcisismo anteriormente ferido:

A minha missão, além d’ eu ser a Estamira, é revelar... é a verdade, somente a verdade. (Anexo A)

A lá... os morros, as serras, as montanhas, ... paisage e Estamira... estamar... esta... serra... Estamira está em tudo quanto é canto... tudo que é lado... até meu sentimento mesmo veio... todo mundo vê Estamira! (Anexo A)

O sofrimento feminino, conforme Garcia apud Zanello (2014) é comumente invisibilizado, “*ser mulher em uma sociedade profundamente patriarcal leva a um número desproporcional delas a entrar em colapso*”. E o distúrbio psíquico se dá:

... como exasperação das condições de vida da mulher, pois, na loucura, ela deixa de procurar a razão de seu mal-estar nas suas condições de existência e mostra, através do sofrimento, que é a situação de surto, a opressão interior e a perda de qualquer poder sobre si mesma. Pág 10)

Na vida de Estamira percebemos uma progressiva perda de poder sobre si. Primeiro o avô decidiu seu destino ao inseri-la no mundo da prostituição, em seguida o marido sugerindo internações psiquiátricas, depois os filhos tentando contê-la. Entretanto, o diagnóstico ao invés de ampará-la invisibilizou seu sofrimento, dando um perfil psiquiátrico para questões existenciais e sociais, nas quais as relações de gênero se mostraram presentes.

O terceiro dispositivo, descrito por Swain (2014) é o da violência, a qual não tem a necessidade de ser física para se fazer presente e pode ser compreendida de múltiplas formas, conforme trataremos adiante

O dispositivo da violência como componente para o adoecimento psíquico

Segundo Diniz (2006), a violência é um fenômeno complexo que a partir da década de 80 ganhou visibilidade no cenário social. Denominada violência doméstica, violência de gênero e violência contra a mulher. Estes sinônimos apontam para especificidades que auxiliam na sua compreensão, mas que não deixam de ser um atentado contra os direitos humanos.

Diniz (2006) menciona que a violência doméstica refere-se a situações de violência que ocorrem dentro do espaço doméstico, envolvendo pessoas que tem laços de consanguinidade, como por exemplo, pais e filhos, avós e netos e também entre pessoas que não tem esse tipo de relação como patrão e empregada. Sendo que as mulheres e as crianças são as maiores vítimas.

Diniz (2006) esclarece ainda que a violência de gênero refere-se ao fenômeno da violência entendida de forma mais ampla. Gênero, conforme explicado acima, diz respeito a construção sócio-histórica do ser homem e do ser mulher que dita normas e valores que organizam tanto as relações entre homens e mulheres. Assim, toda a forma de violência que acontece no contexto dessas relações constitui uma violência de gênero.

O uso da expressão violência contra a mulher, explica Diniz (2006) se deve ao fato de que aproximadamente dois terços das vítimas de violência doméstica são mulheres. Na esteira desta constatação Carrillo apud Diniz (2006) cita as principais formas de violência contra mulher evidenciadas em pesquisas:

Violência física, sexual e psicológica que ocorre nas famílias, como, por exemplo: o abuso sexual de meninas; o estupro conjugal; a mutilação genital feminina e outras práticas tradicionais que causam danos às mulheres; e toda a forma de exploração contra a mulher.

Violência sexual e psicológica que acontece no seio da comunidade, tais como: estupro e outras formas de violação e abuso sexual e outras formas de intimidação no ambiente de trabalho, nas instituições de ensino ou em qualquer outro lugar; tráfico de mulheres e a prostituição forçada.

Violência sexual e psicológica perpetrada e endossada pelo Estado, onde quer que ela ocorra. Cabe mencionar aqui as violações de mulheres em conflitos armados; as situações de escravidão sexual; de gravidez, esterilização ou aborto forçado; uso coercitivo de métodos contraceptivos e de seleção pré-natal de sexo. (Pág. 236)

No caso de Estamira, conforme as linhas primeiras deste capítulo, observamos que no decorrer de sua vida a violência foi uma constante. Sofreu violência física, sexual e psicológica desde a infância. Após o último episódio violento de estupro, Carolina, filha de Estamira descreveu que:

Um dia, sentou... lá no quintal da minha sogra... aí, olhou pros pés do coqueiro... olhou.. olhou... olhou... aí, virou pra minha sogra e falou assim: “olha, isso aqui é o poder... é... isso é que é... que é tudo o que é real... isso é que é real. Naquele dia, eu acho que ela desistiu mesmo de Deus e... agora é só eu e eu... e o poder real acabou. (Anexo A)

Neste sentido, concordando com Diniz (2006) é importante ressaltar que a violência de gênero afeta a população feminina durante todas as fases do seu ciclo vital, independente da cultura, raça, crença religiosa, grupo étnico, no entanto a violência é exacerbada pelas condições socioeconômicas e pela dificuldade de acesso a bens e serviços, o que pode se aplicar a contento ao caso de Estamira.

Diniz (2006) ressalta que qualquer forma de violência impacta a saúde física, mental e emocional da mulher, abalando o senso de identidade, afetando a capacidade de julgamento e confiança nas pessoas. Em Estamira, percebe-se a falência de confiança em Deus e nos homens, cujo repúdio encontram-se em falas de conteúdo agressivo:

Trocadilho, safado... canalha... assaltante de poder... manjado... desmascarado... (cospe no chão) Ma trata com o meu trato que eu te trato! Me trata com o teu trato que eu te devolvo o teu trato. E faço questão de devolver em triplo. Onde já se viu uma coisa dessas... A pessoa não pode... andar nem na rua que mora! Nem trabalhar dentro de casa. E nem em tratadinho nenhum, em lugar nenhum! Aonde o senhor... se... Que Deus é esse?... (Anexo A)

Que Deus é esse? Deus estuprador, Deus traidor... trocadilho que não respeita a mãe, que não respeita pai? Eu, hein... (Anexo A)

Diniz (2006) menciona também que mulheres vítimas de violência tem maior propensão a receberem diagnósticos psiquiátricos. Muitas não são nem sequer capazes de nomear suas vivências como violentas e tendem a se sujeitar a um tipo de violência para evitar outros.

A dificuldade de acesso a bens e serviços acaba por manter as mulheres no lugar de menos-valia e pobreza, e a junção de todos esses fatores certamente contribui para o adoecimento psíquico, que no caso de Estamira, infelizmente se consolidou de forma grave e crônica.

Por isso, a importância de tornar “visível” o “invisível” a fim de evitar que reflexões como estas empreendidas por de Estamira sejam naturalizadas:

Eu nunca tive sorte... A única sorte que eu tive... foi de conhecer... o Sr. Jardim Gramacho. O lixão... (Anexo A)

Visivelmente, naturalmente... se eu me desencarnar eu tenho a impressão de que serei muito feliz... (Anexo A)

Reflexão II

Eu, Estamira, sou... a visão de cada um. (Anexo A)

A loucura tem sua definição atrelada a aspectos sociais e culturais que se transformaram ao longo do tempo, sendo assim, cada sociedade constrói seus próprios conceitos sobre o que seria “normal” e “anormal”. Sendo normais, os comportamentos que se enquadram dentro de determinadas normas culturalmente construídas e anormais os comportamentos transgressores a esses padrões.

Foucault (2013) em seu livro “A História da Loucura na Idade Clássica” recorre aos fatos históricos para defender as afirmações supracitadas. Para o autor os “loucos” foram não apenas interpretados, mas definidos de maneiras diferentes conforme o momento histórico. Assim, a doença mental não seria necessariamente uma verdade descoberta, mas uma entidade culturalmente produzida.

Por exemplo, na Antiguidade Clássica, até o final do século II, segundo Pessoti apud Zanello (2014) existiam pelo menos três perspectivas diferentes sobre a loucura: uma relativa a intervenção dos deuses, outra como resultado de conflitos passionais e outra como resultado de disfunções somáticas.

A loucura vista sob o viés de um modelo mítico-religioso, tinha a insanidade como castigo divino resultado de alguma afronta cometida pelo homem contra uma divindade. Para Pessotti apud Zanello (2014), nesse momento histórico, o louco foi colocado numa posição ativa e responsável por seu adoecimento. De acordo com esta perspectiva, a loucura seria uma estratégia punitiva dos deuses contra aqueles que os desobedecessem, ou seja, representaria um resgate da ordem, uma vingança dos deuses, obra do próprio Zeus, Deus dos deuses. Logo, a origem da loucura seria mitológica e por isso não seria necessário curá-la, mas apenas realizar procedimentos terapêuticos capazes de reorganizar o relacionamento entre o homem que transgrediu junto aos deuses e ao seu grupo social, de vivos e mortos.

A loucura como resultado de conflitos passionais, foi abordada principalmente nas tragédias gregas, onde os personagens desenvolviam a insanidade após vivenciarem paixões exacerbadas e/ou conflituosas capazes de levar a desrazão após ultrapassagem do bom senso, da boa medida.

Zanello (2014) exemplifica a loucura nas tragédias gregas citando a estória de Fedra, personagem de Eurípedes, que ao transgredir os costumes de sua época experimenta a perda da razão como resultado de um conflito entre a paixão e as normas sociais e éticas, sofrendo a angústia entre ser uma boa esposa e desejar outro homem que não o seu marido.

Ainda na Idade Clássica, se faz mister mencionar a visão hipocrática da loucura, na qual esta era considerada uma desorganização de natureza orgânica, corporal. Nessa perspectiva, excluiu-se o mito, mas se manteve a metafísica na compreensão fisiológica, os sintomas eram vistos como desequilíbrio do corpo e o cérebro lesado por desequilíbrios humorais, sede da loucura.

Já na Idade Média, a loucura e suas causas foram atreladas à possessão demoníaca. Deste modo, o louco era tido como “endemoniado” e seu tratamento deveria ser atribuído ao padre, que por meio do exorcismo e uso de práticas físicas violentas poderiam “curá-lo” após a expulsão do demônio.

Nesta época, a loucura já não era considerada retaliação dos deuses, mas uma possessão demoníaca. Tal tese fincava suas raízes na doutrina do cristianismo, na qual o culto aos deuses pagãos e a heresia (doutrina que se opõe aos dogmas da Igreja) eram consideradas influências do demônio. Obras como o *Malleus Maleficarum*, de Sprenger e Heinrich Kramer, traduzido como o “Martelo das Bruxas”, continham informações de como identificar uma possessão demoníaca. Esta obra fundamentava a idéia de que a loucura podia ser causada diretamente pelo demônio ou indiretamente pelas bruxas.

Pessotti apud Zanello (2014) esclarece que nessa época acreditava-se que a alma era reservada à Deus, ao contrário do corpo, que poderia sofrer influências do demônio, principalmente através do cérebro, principal órgão de ataque. Produção de alucinações, cegueiras e doenças inexplicáveis para medicina eram consideradas, na Idade Média, sinais da comprovação de possessão. Por isso, ao louco cabia a pecha de perigoso, pois apenas pessoas más eram passíveis de serem influenciadas pelo demônio. Em último prisma, para eliminar demônios e bruxas, o catolicismo perseguiu todos os sujeitos desviantes queimando-os na fogueira da Santa Inquisição.

A abordagem científica da loucura se iniciou a partir da racionalidade do século XVIII. Pessotti apud Zanello (2014) relata na terceira parte de seu livro que paulatinamente a

credibilidade e as explicações míticas e religiosas sobre a loucura foram consideradas incapazes de dar conta do fenômeno.

Houve um resgate da visão organicista da loucura. Contudo, ainda considerava-se o louco um sujeito desviante do social, Foucault (2013) descreve que o louco, assim como inválidos pobres, portadores de doenças venéreas e libertinos, foram marginalizados, isto é, literalmente colocados à margem da sociedade e confinados em hospitais gerais, não para serem tratados, mas sim para serem excluídos do convívio social.

Tenório (2002) ao relembrar o nascimento da psiquiatria, menciona que foram os “reformadores” da Revolução Francesa que delegaram à Philippe Pinel, médico francês do século XVIII, a tarefa de humanizar e dar um sentido terapêutico aos Hospitais Gerais que abrigavam os loucos e outros marginalizados. Segundo Tenório (2002), o gesto pineliano de desacorrentar os loucos e implementar meios de tratamento representou a origem da psiquiatria e da Reforma Psiquiátrica.

Contudo, conforme ressalta Pessotti apud Zanello (2014), os métodos de Pinel apesar de revolucionários para a época, ainda eram permeados de uma ética moralista e previam o isolamento social e a privação do convívio familiar, como forma de garantir uma observação sistemática do comportamento do louco.

Ainda neste contexto, iniciaram-se os debates acerca das classificações nosológicas sobre os tipos de loucura. Há, conforme salienta Zanello apud Zanello e Bukowitz (2012) a transformação do louco em paciente, da loucura em doença mental, origina-se portanto, o modelo manicomial de tratamento, caracterizado por maus-tratos aos pacientes, eletrochoques, banhos frios, amarrações, falta de cuidados com a higiene, lobotomia, tudo em prol de um “tratamento”, cujo foco pautava-se na reeducação moral e controle social do paciente.

Com a criação da clínica psiquiátrica, o louco foi colocado no lugar de objeto a ser estudado. Foi separado dos outros grupos marginais e colocado em asilos específicos. Aqui ocorreu a apropriação da loucura pela medicina, cuja figura de Pinel encabeça o pioneirismo na compreensão da “loucura” enquanto doença passível de tratamento.

As mulheres e a História da Loucura

Se eles acham que eu sou feiticeira, eu sou feiticeira... mas não sou feiticeira farsária nem perversa, não. Mas eu sou ruim. Perversa eu não sou, mas sou ruim. Sou mesmo e não vou deixar de ser ruim, sem perversidade. Na cobrança, na cobrança (Anexo A)

Da compreensão mitológica à concepção de doença passível de tratamento, a loucura foi alvo de múltiplas interpretações e formas de tratamento. Entretanto, a presença das mulheres nesse processo, foi pouco explorada.

Zanello e Nascimento (2014) apontam que apesar da existência de relatos envolvendo mulheres insanas ao longo da história ocidental, importantes autores como Michel Foucault e Isaías Pessotti, reconhecidos devido aos seus importantes trabalhos a respeito da História da Loucura, não problematizaram a questão da diferença na manifestação do adoecimento mental e no tratamento dado às “loucos” e “loucas”, havendo um silenciamento da presença das mulheres na história da loucura.

Contudo, trabalhos acadêmicos como o de Garcia (1995), a maioria desenvolvidos após a eclosão do movimento feminista, vem reparar esta falta numa tentativa de conferir “as loucas” a sua devida importância na História da Loucura.

Neste sentido, segundo Garcia (1995), a História da Loucura é permeada por misoginia. Em geral, a figura feminina era (é) colocada ao lado da irracionalidade, do silêncio, do corpo, enquanto que a masculina é colocada ao lado da razão, do discurso, da cultura, da mente. Logo, o feminino seria a figura ideal para representar a loucura.

Ainda na Idade Média, as mulheres que ousassem adotar uma postura de poder, que fossem criativas e possuidoras de vontade e linguagem próprias, eram tidas como cruéis e consideradas endomaniadas. Durante séculos, as mulheres tiveram o conhecimento de plantas, ervas e raízes medicinais, através dos quais curavam, iludiam ou aliviavam a dor, porém devido a ameaça que a posse desse conhecimento representava aos dominantes da época se iniciou a perseguição a essas mulheres.

A partir do século XV, as “curandeiras” foram acusadas de bruxaria e de serem heréticas agentes do demônio. Com a modificação das relações comunitárias e a implantação do modelo cultural burguês, aliado a Igreja, houve a fabricação do estereótipo da feiticeira

má, que era usado contra todos os inimigos políticos para impedir as massas de perseverar em sua resistência contra a centralização do poder.

Segundo Garcia (1995) a queima as bruxas também significou a queima das mulheres enquanto transmissora de uma saber popular. O que elas praticavam era medicina empírica, por isso, incomodavam aqueles que tinham licença oficial para trabalhar os males do corpo e da alma, os quais, não por acaso eram médicos ou padres.

Este cenário permaneceu constante até meados do século XVIII, segundo Wolf apud Garcia (1995) qualquer mulher que nascesse com talento nesse período teria enlouquecido ou terminado seus dias num chalé isolado sob a peche de feiticeira, temida e ridicularizada.

A partir do século XIX as mulheres chamadas de feiticeiras vieram a ser caracterizadas como histéricas. No entanto, a etiologia da loucura, não repousaria mais nas formas satânicas, mas no útero, na própria forma da mulher, na sua fisiologia deficiente. Com um adendo, a bruxa poderia ser salva caso sua fé a redimisse, mas para a histérica não haveria salvação.

Conforme explica Engel (2004), o útero era visto como causador de todos os males. Para alguns, um animal independente que estaria no corpo da mulher e que possuía movimentos próprios, sendo a histeria fruto desse animal sedento. Contudo, o diagnóstico de histeria sofreu alterações ao longo do tempo. A especulação científica levou a conclusões de que a histeria localizava-se no cérebro e não no útero, passou-se a crer que o cérebro feminino era frágil e não subordinado à razão.

De acordo com Garcia (1995) o primeiro grande teórico a debruçar-se sobre a histeria foi Charcot, o qual iniciou seu trabalho com as histéricas em 1870 em Paris. Ele foi um dos principais responsáveis pela reclassificação das feiticeiras como histéricas, transformando a bruxaria em neuropatia. Charcot, por meio de observações físicas e a prática da hipnose tentou provar que os sintomas histéricos eram produzidos mais pelas emoções do que por causas físicas e por isso não estariam sob controle consciente das pacientes.

Engel (2004), menciona a descrição sobre histeria, de Franco da Rocha, importante médico brasileiro que ocupou-se dos alienados mentais:

A histeria nada mais é do que a exarcebação de traços tradicionalmente atribuídos à mulher normal: Fraqueza de vontade, hipersensibilidade, emotividade, imaginação “desregrada”, “incapacidade de esforços acurados do pensamento”, predomínio sobre os reflexos sobre a reflexão e juízo, vaidade, leviandade, sugetionabilidade. (Pág. 136)

Segundo Garcia (1995) a inferioridade feminina adquire uma nova veste quando a histeria se torna assunto científico. Equiparou-se a mulher como uma criança, irracional, sexualmente instável, e por isso ser qualquer crédito para assumir qualquer tipo de poder. Os modelos psiquiátricos masculinos tornaram-se modelos culturais de vigilância moral e pública. Em consequência houve um aumento das mulheres consideradas loucas provavelmente associado ao crescimento do prestígio da psiquiatria, cuja racionalidade médica, é essencialmente masculina.

Estamira e a Loucura

Sabe o que é uma pessoa desgovernada? Uma pessoa nervosa assim, querendo falar sem poder... (Anexo A)

Chesler (2005), num importante estudo sobre a internação de mulheres nas instituições asilares norte-americanas sustenta que as pacientes lá encontradas eram, na verdade, mulheres rebeldes fracassadas, que não se conformaram aos constrangimentos das obrigações sociais impostas. Para isso, a autora fez uma interessante discussão sobre a sintomatologia das internas, utilizando-se de estatísticas e entrevistas.

Chesler (2005) percebeu que os transtornos mentais femininos, em parte eram resultantes de um certo fracasso em adotar determinados papéis sociais de comportamento, isto é, configuravam-se em rótulos punitivos impostos pela sociedade às mulheres que se atrevessem a desviar ou tentar escapar dos padrões estabelecidos.

De acordo com Chesler (2005) foi se tornando cada vez maior e mais frequente o diagnóstico de transtorno mental e o envio para o hospício de mulheres. Segundo explica a autora, existe uma conspiração masculina para livrar-se das mulheres “difíceis”, que são principalmente aquelas que se negam a submissão às regras de comportamento impostas socialmente.

Na história de Estamira, o seguinte episódio, relatado por Carolina, sua filha, narra a experiência de Estamira se vendo coagida pelo companheiro para enviar a própria mãe para o hospício:

Carolina: O pai judiou muito dela. Disse pra ela assim: “ou você interna a sua mãe ou a gente não vive junto.”

Estamira: Primeiro, ele chamou a ambulância para levar a minha mãe. Chamou médico com camisa-de-força. Aí o médico falou: “Não essa daí não é camisa-de-força, essa daí não precisa.” Tá bom. Aí ele ficou me atendendo, me atentando, me atendendo... até fez eu levar a minha mãe lá no Engenho de Dentro. Nós fomo de trem... coitada da minha mãe, inocente... Tá bom, aí deixei ela lá no hospício... Quando foi na quinta-feira... eu fui lá visitar ela, ela tava com o braço todo roxo...

Carolina: Minha avó falava assim... chamava ela de “Estanira”... “Estanira”... tenha dó de mim. Me tira daqui, “Estanira”!

Carolina: A partir do momento que ela deixou o meu pai... a primeira coisa que ela fez... deixou nós na casa não sei de quem... no morro lá e foi buscar minha avó no dia seguinte. E minha avó sempre seguiu com a gente até morrer... (Anexo A)

Na prática o envio de mulheres ao hospício estava também associado com a insatisfação do marido com relação ao desempenho dos papéis sociais. Nesse contexto, diz Chesler (2005) até quem não era louca, com o tratamento se tornava, visto que em instituições psiquiátricas o uso de violência, infelizmente também fazia (ou ainda faz) parte do “tratamento”.

Ironicamente, conforme aponta Engel (2004), por muito tempo a maternidade e o casamento eram indicadas para curar e prevenir o adoecimento psíquico, pois compreendia-se que as situações que conduziam mulher a ser diagnosticada como doente mental concentravam-se na esfera de sua natureza, e sobretudo, de sua sexualidade, alvo prioritário das intervenções normalizadoras da psiquiatria.

Por isso investigações quanto aos aspectos do ciclo biológico da mulher (menstruação, gravidez, parto e pós-parto), eram priorizados na definição do diagnóstico de doença mental. A loucura era vista como um dos males femininos, constituinte de sua natureza. Também associada a comportamento sexual desviante. A sexualidade deveria ser controlada, sintomas sexuais deveriam ser combatidos. Havia uma preocupação em torno da sexualidade feminina, que deveria ser controlada por meio de técnicas, hoje inaceitáveis, tais como, injeção de água pelo anus, introdução de gelo na vagina, extirpação do clitóris ou dos órgãos sexuais internos.

Segundo Engel (2004) acreditava-se que as mulheres eram mais vulneráveis que os homens à insanidade por causa da instabilidade em seu sistema reprodutivo, mas contrariamente a essa concepção, sabe-se atualmente que o casamento é um fator protetivo a saúde mental masculina ao passo que coloca em risco a feminina. Os riscos de prejuízos à saúde mental da mulher são maiores, devido à sobrecarga a qual se vê compelida a assumir, principalmente no casamento.

Segundo Garcia (1995) os desajustamentos psíquicos femininos, que na maioria dos casos aparecem em forma de depressão, se devem ao casamento que deteriora a saúde mental das mulheres, pois estabelece um ideal de desempenho comportamental que pode estrangulá-la, já que espera-se que a mulher que viva de acordo com o comportamento do seu próprio sexo, ou seja, submissa emotiva, dependente e dócil.

Deste modo, Engel (2004) menciona que a história mostra que os papéis confinadores de esposa, filha e amante, podem levar ao adoecimento, sendo comum encontrar em muitas pacientes psiquiátricas falas como as de Estamira:

A minha depressão é imensa, a minha depressão não tem cura... (Anexo A)

O fato de uma mulher recusar o comportamento natural para ao seu sexo, provoca na maioria sentimentos de culpa muito grande por terem internalizado um padrão idealizado sobre “o que é ser mulher” e quando não conseguem atingir esse padrão, sentem-se deprimidas por não se sentirem capazes de exercer cuidados ao outro à custa de si.

Na história de Estamira, percebemos descrições de ações de cuidado para com os outros, afinal ela cuidou da mãe e dos filhos, conforme suas possibilidades. Mas também percebemos ações de recusa à “à uma docilidade compulsória ao sexo feminino”, isto é, ao invés de resignar-se as humilhações impostas pelo companheiro, Estamira desenvolveu na “loucura”, uma reação de enfrentamento. Ao invés de manter-se numa posição lamuriosa, típica dos quadros depressivos femininos descritos na literatura. Estamira apresentou delírios cujo conteúdo se remetiam ao próprio empoderamento.

Eu sou Estamira! Eu sou a beira, eu tô lá, eu tô cá, eu tô em tudo quanto é lugar! E todos depende de mim! Todos depende de mim, de Estamira! Todos!... (Anexo A)

Eu não vivo por dinheiro, eu faço dinheiro... (Anexo A)

Eu sou perfeita! Eu sou perfeita. Meus filhos são comum. Eu sou perfeita! Eu sou melhor do que Jesus! Me orgulho por isso! .. (Anexo A)

O que constatamos nestas falas é uma necessidade de ter um lugar de importância, de potência no mundo, o qual só foi possível por meio da loucura, do delírio, onde pode finalmente “revelar” sua discordância com tantas mazelas vivenciadas ao longo da vida.

Reflexão III

“Atesto que Estamira Gomes de Souza... portadora de quadro de... é ... psicótico de evolução.. crônica... alucinações... auditivas... idéias de... influências ... discurso místico... deverá permanecer em tratamento... psiquiátrico continuando... continuando.” (Anexo A)

Com a publicação e consolidação do DSM (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*), editado pela Associação Americana de Psiquiatria, a lógica indicial (causa e efeito) passou a fazer parte do diagnóstico e tratamento tanto dos Transtornos Mentais quanto de problemas existenciais inerentes ao humano.

Este Manual, atualmente em sua V edição, traz em seu bojo uma proposta pretensiosa, muito criticada por autores como Zanello (2014) e Harper (2013), pois apresenta uma idéia de síndrome oriunda do pensamento médico que tem a intenção de fornecer à comunidade em geral, um conteúdo cuja compreensão de doença mental estaria associada à uma visão a-teórica pautada em plena neutralidade científica, sendo, portanto, universal e independente da cultura.

Neste sentido, Harper (2013) revela que o uso massivo do DSM como subsídio para elaboração de diagnósticos mascara diversos interesses políticos e econômicos envolvendo em primeiro lugar a psiquiatria, seguida de instituições como a academia, organismos de financiamento, jornais, indústrias farmacêuticas, mídia, sistemas de saúde público e privado, bem como políticas públicas.

Isto pode ser observado ao questionarmos o porquê de situações corriqueiras considerarem o uso do diagnóstico imprescindível, como nos casos de companhias de seguro que exigem o diagnóstico para realizar pagamentos, o sistema público de saúde que o exige por motivos administrativos e a própria Academia, a pretexto de adotar linguagem científica, o considera válido e confiável, sem contar a poderosa indústria farmacêutica que modela a produção de medicamentos de acordo com a demanda de mercado formada pelos diagnósticos da moda, como por exemplo, no caso dos antidepressivos receitados em episódios comuns de reação de tristeza frente a perda.

Para Harper (2013) o diagnóstico foi além dos limites da psiquiatria e tem hoje a função de legitimar o sofrimento, pois muitas pessoas, sem diagnóstico, seriam responsabilizadas por seus sintomas, mas de posse de um diagnóstico, o sofrimento da pessoa

deixa de ser da pessoa e se torna uma doença, dá-se um nome para a experiência, construindo uma entidade independente, sem o qual a garantia de direitos e o acesso aos serviços de saúde mental seria dificultado, senão impossível de ser praticado. O diagnóstico é hoje o passaporte que autoriza o sofrimento, regendo inclusive a forma do sofrer.

Para Harper (2013), a psiquiatria é a disciplina mais contestada da medicina e por meio do diagnóstico se legitima enquanto científica, pois ao adotar uma lógica indicial na abordagem do sofrimento humano, aparenta propor uma terapêutica para males da alma, no momento que o culto a felicidade não permite a experiência, nem que seja momentânea, de qualquer tipo de sofrimento.

Por isso, Zanello (2014) ressalta que a adoção da visão causa e efeito, também conhecida como uma visão reducionista, quando empregada na compreensão do sofrimento psíquico leva a equívocos no tratamento, cujos efeitos colaterais recaem principalmente como forma de estigma social, o que de acordo com Zanello e Bukowitz (2012) desfavorece uma escuta acerca do saber que a voz do louco pode portar, além de desqualificar aspectos da subjetividade e não realizar a necessária distinção entre os problemas existenciais e neurológicos, como se os fatores desencadeantes da “doença mental” fossem da ordem exclusiva do campo fisiológico, isto é, uma doença cerebral.

Como alternativa a esta forma reducionista de lidar com o sofrimento psíquico e o uso indiscriminado do diagnóstico, Zanello (2014) enfatiza a importância de se tentar contextualizar o sofrimento procurando verificar qual lógica semiológica sustenta o ato de diagnosticar.

De acordo com Dalgarrondo (2008, p.23) a Semiologia Médica é *“o estudo dos sintomas e sinais das doenças, estudo este, que permite ao profissional de saúde identificar alterações físicas e mentais, ordenar os fenômenos observados, formular diagnósticos e empreender terapêuticas”*.

Deste modo, o sintoma poderia ser identificado na queixa do paciente e o sinal poderia ser observado independentemente do seu relato, de maneira mais objetiva. Após a catalogação de ambos, o profissional de saúde teria condições de realizar um diagnóstico, ou em outras palavras, uma vez conhecidas as causas, seria possível saber qual a doença, seu curso e tratamento.

Neste sentido, Zanello (2014) aponta as seguintes lógicas semiológicas presentes na atualidade no que concerne aos modos de estabelecer o diagnóstico e tratar o paciente, a saber:

A lógica icônica trabalha através da similaridade dos signos, como quando vamos a um *toilet* e vemos uma imagem de uma figura humana com saia. Pensamos, na nossa cultura, ser um banheiro de mulher. A lógica indicial funciona através da operação que concatena causa e efeito, ou seja, parte-se de um efeito para se implicar uma causa. É o que ocorre quando chegamos a um ambiente cuja janela está aberta e o chão, perto da mesma está, molhado. Pensamos “choveu”!. Por último, a lógica simbólica, é aquela mediada pela linguagem e que lida com a arbitrariedade dos signos. Aqui encontramos a formação simbólica dos sintomas, tão presente no campo especificamente humano da psicopatologia. (pág. 42)

Para Zanello (2014), a leitura do sofrimento psíquico, deve ser acessada principalmente pela qualificação da fala do paciente considerando a lógica simbólica, mediada pelos significados impressos na história pessoal do paciente e inseridos em sua cultura, caso contrário, o sofrimento do sujeito analisado sob viés das lógicas icônica e indicial, apenas reforçará o modelo biomédico usado, sobretudo na medicina, sem em nada contribuir para o alívio daquele que sofre.

Ratificando este ponto de vista, voltemos ao caso de Estamira diagnosticada com quadro psicótico de evolução crônica, com sintomas de alucinações e delírios, cuja proposta terapêutica resumiu-se à prescrição de medicação psicotrópica para controle de sintomas (lógica indicial- causa e efeito), mas que desconsiderou o fato de que além de louca, Estamira era uma mulher, separada, mãe, de baixa escolaridade, negra e pobre e que sofreu violências de todas as ordens antes da eclosão de sua doença (Lógica simbólica). Conforme seu relato:

Eu, Estamira, visível e invisível... eu tenho muitos sobrenomes. E esses sobrenomes... Vem de todo lugar. Lamentavelmente, o pai de minha mãe é famílias de Ribeiro... Tudo polícia, tudo general, tudo não sei o quê, né? Ele é estuprador, ele estuprou... a minha mãe. E fez coisa comigo. A minha depressão é imensa. A minha depressão não tem cura... É, e... Quando eu tinha nove anos. Eu pedi pra comprar uma sandália pra mim... Pra mim ir na festa que eu queria a sandália. Ele falou que só comprava se eu deitasse com ele. É eu não gosto do pai da minha mãe, porque ele me pegou... com doze anos e me trouxe prá Goiás Velho... E... Lá era um ... Era um bordel, sabe, e eu prostituí lá. Era da... da filha dele. Aí, o pai do Hernani (filho mais velho de Estamira), ele me conheceu lá... aonde meu avô me deixou, lá no bordel. Aí eu já tinha dezessete anos. E gostou demais de mim e deu no meu pé... e arrumou uma casa e pôs eu dentro da casa. Mas o pai do Hernani, ele era muito cheio de mulher. Eu peguei e não aguentei. Larguei tudo dentro da casa e só apanhei o menino. Apanhei o menino e vim embora pra Brasília. Eu tava lá na casa da tia, lá em Brasília. E apareceu o pai da Carolina lá, o italiano, e levou eu na casa dele. Aí deu certo e, depois, nós foi morar junto. E ele também é cheio de mulher. Eu vivi com ele doze anos. Tive a Carolina tive esse que fez o cesário. Esse que fez o

Cesário nasceu o invisível. E eu acho que o que mais me ajuda é esse que nasceu invisível. (Anexo A)

Observamos neste trecho, parte do histórico de vida de Estamira e como o sofrimento, materializado principalmente na forma de violência a acompanhou em sua vida forjando assim, sua “loucura”. Daí, considerar que Estamira é louca porque apresenta disfunção em determinada região cerebral, ou resumir sua loucura a questão da hereditariedade, significa adotar o diagnóstico, tentando trazer uma explicação para atos humanos difíceis de assimilar, deixando dentro do individual questões que são do social, como desigualdades, pobreza, abusos e outras formas de vitimização e exclusão.

Zanello e Bukowitz (2012) nos chamam atenção para o fato de que os fatores socioculturais estão intimamente ligados na construção da experiência do sofrimento psíquico grave. Deste modo elas mencionam que:

... a cultura, em seu caráter constitutivo, privilegia caminhos de subjetivação, nos quais as relações de gênero são um fator importante. Isto é, aquilo que a sociedade estabelece e exige de um “homem” ou de uma “mulher” interfere na experiência subjetiva de cada indivíduo e, portanto, tem influência caso esse sujeito venha a quebrar em sofrimento psíquico grave. (Pág. 10)

Assim sendo, na qualidade de mulher com baixa escolarização, quais oportunidades Estamira, concretamente teve de deliberar e desenhar seu destino de maneira mais satisfatória? Além disso, pelo simples fato de ser mulher, não seria relevante considerar que encontrava-se em uma condição favorável à vitimização pela violência? E de que modo essas peculiaridades se relacionam a experiência do sofrimento psíquico grave?

Estas questões apontam para o fato de que fatores socioculturais estão intimamente atrelados ao sofrimento psíquico grave e por isso devem ser considerados tanto no ato de diagnosticar, como nos tratamentos propostos, especialmente se considerarmos as políticas públicas em saúde mental.

Tratamento em Saúde Mental

Com o decorrer dos anos, as descobertas em neurociências e o desenvolvimento da indústria farmacêutica, houve a ratificação da concepção da loucura enquanto “doença mental”, ou melhor, “transtorno mental”. Os loucos, saídos do isolamento, tiveram suas “mordanças físicas” (isolamento social, correntes, entre outros) substituídas por “mordanças químicas” (remédios psicotrópicos), houve uma substituição da forma de controle. Utilizando as palavras de Zanello e Bukowitz (2012):

o louco é novamente silenciado e seus sintomas “anormais” são suprimidos. A loucura tornou-se um reconhecimento da “doença” e houve um transbordamento da mesma para o cotidiano da pessoa. Firmou-se a medicalização da existência, constituindo-se uma nova forma de controle social, presente até os dias atuais. (pág. 03)

Sendo assim, segundo Szasz apud Zanello e Bukowitz (2012) ocorre uma desqualificação das necessidades, aspirações e valores humanos, havendo uma negligência de aspectos subjetivos, o que pode ser percebido na fala de Estamira sobre o seu próprio tratamento:

Eles estão, sabe, fazendo o quê? Dopando, quem quer que seja...com um só remédio! Não pode, o remédio... Quer saber mais do que Estamira? Presta atenção, o remédio é o seguinte: se fez bem, pára. Dá um tempo! Se fez mal... vai lá, reclama, como eu fui três vezes. Na quarta vez é que eu fui atendida, entendeu? Mas eu não quero o mal deles, não! Eles estão copiando! O tal de Diazepan, então! Entendeu? Se eu beber Diazepan.... se eu sou louca, visivelmente, naturalmente.... eu fico mais louca! Entendeu agora? (Anexo A)

Observamos, então, que a fala supracitada vai ao encontro do ponto de vista de Maluf (2010), autora que considera que a complexa dinâmica do acesso à saúde é vista como sinônimo de distribuição massiva de medicamentos.

De acordo com Maluf (2010), o fenômeno da medicalização indiscriminada, não se restringiu apenas a Psiquiatria, mas passou a fazer parte de outras especialidades médicas, que se apropriaram do saber produzido em saúde mental para medicar a existência, isto é, para cada problema existencial inerente ao homem ou para cada mazela social há uma medicação equivalente para tratar um sintoma.

Além de problemas quanto à medicalização indiscriminada, temos ainda, em saúde Mental, a existência de práticas de intervenção que no mínimo podem ser consideradas desumanas, a exemplo da forma como Estamira descreveu sua internação:

... me pegaram aqui dentro como se eu fosse uma fera, um mostro... Algemado!
(Anexo A)

Exatamente contra esses e outros tipos de abordagens e tratamentos desumanos que se iniciou o Movimento da Reforma Psiquiátrica, definida por Amarantes apud Tenório (2002, p. 27) como *“um processo histórico de formulação crítica e prática que tem como objetivos e estratégias o questionamento e a elaboração de propostas de transformação do modelo clássico e do paradigma da psiquiatria”*.

Nesse sentido, a Reforma Psiquiátrica visa modificar o sistema de tratamento clínico da doença mental, eliminando gradualmente a internação, tida como forma de exclusão social, substituindo-a por uma rede de serviços territoriais, de atenção psicossocial, no qual a pessoa em sofrimento psíquico grave seja tratada com dignidade, preferencialmente na sua comunidade, combatendo abordagens, tratamentos e situações como esta a seguir:

Primeiro, ele chamou uma ambulância para levar a minha mãe. Chamou médico com camisa- de-força. Aí, o médico falou: “Não, essa daí não é de camisa-de-força, essa daí não precisa.”. Tá bom. Aí ele ficou me atentando, me atendando... até fez eu levar a minha mãe lá no Engenho de Dentro. Nós fomo de trem... coitada da minha mãe, inocente... Tá bom, aí deixei ela lá no hospício... Quando foi na quinta-feira... Eu fui lá visitar ela, ela tava com o braço todo roxo. Eu falei: “ O que foi isso, mãe?”. Ela falou: “Foi o desgraçado”. Deu choque nela, bateu nela, ela tava com o braço tudo roxo. (Anexo A)

Contra o uso de intervenções físicas violentas e um método de tratamento pautado na exclusão social, a Reforma Psiquiátrica, de acordo com Tenório (2002) propõe o resgate da cidadania, o respeito aos direitos e a individualidade do paciente e o incentivo à participação do paciente no universo das trocas sociais, cujos direitos e deveres como cidadão devem ser levados em consideração.

Como dispositivo de tratamento, a Reforma psiquiátrica propôs a criação de centros de Atenção Psicossocial (CAPS), centros de convivência e cultura assistidos, cooperativas de trabalho protegido (economia solidária), oficinas de geração de renda e residências

terapêuticas, descentralizando e territorializando o atendimento em saúde, conforme previsto na Lei Federal que institui o Sistema Único de Saúde (SUS) no Brasil, por meio de um processo gradual em que o modelo manicomial e de internação hospitalar fosse gradualmente substituído.

No caso de Estamira, parece que o seu tratamento não estava se passando em um CAPS, mas ao contrário, se dando apenas em nível ambulatorial, com foco na prescrição de medicamento, o que além de não atender as necessidades da paciente foi por ela enfaticamente criticado, principalmente no que concerne a abordagem médica e a forma de tratamento não individualizada:

Uma conversinha qualquer e só copeiá e tom... ! Ah, que que há, rapaz? Isso não pode, não, senhor! Como é que eu vou ficar todo o dia, todo o mês, cada marca... e eu vou lá apanhar o mesmo remédio! Não pode! É proibido! Ai... (Anexo A)

Como resposta a esses tipos de queixas, as políticas públicas de saúde mental foram desenvolvidas objetivando a melhoria no atendimento dos serviços e benefícios para os usuários, construções de novos CAPS, Residências Terapêuticas (RTs), entre outras demandas características de cada comunidade.

A clínica psicossocial surge da necessidade de superar a clínica biomédica no campo da saúde mental, partindo da idéia de que a vida e o sofrimento humano são complexos e por isso não podem ser submetidos a uma abordagem baseada exclusivamente na razão e na ordem.

Nesse sentido, segundo Costa e Grigolo (2009), a reforma psiquiátrica no Brasil desencadeou um processo de profundas alterações na prática da assistência à saúde mental, substituindo o modelo biomédico e hospitalocêntrico pelo modelo da clínica psicossocial. Tendo na implantação de uma rede de serviços comunitários, cujo maior representante são os CAPS, a realização de um trabalho de atenção diária com foco no tratamento e reabilitação de pessoas com transtornos mentais graves, visando o resgate da cidadania e evitando internações hospitalares desnecessárias.

Entretanto, para que a clínica psicossocial ratifique sua proposta de entendimento e tratamento do sofrimento humano, Costa e Grigolo (2009) apontam para a necessidade de realização de questionamentos sobre os princípios ético-filosóficos que respaldam a atuação

dos profissionais da assistência à saúde, pois a formação de alguns deles, em essência, ainda reproduz os conceitos da clínica da doença mental e dos princípios éticos que a constituíram.

Além disso, Costa e Grigolo (2009) mencionam a importância da formação continuada e da produção de conhecimento sobre as práticas de atenção psicossocial no contexto da reforma psiquiátrica em nosso país como estratégia de repensar a prática clínica garantindo assim o exercício da ética do cuidado humano, um dos pilares fundamentais da Reforma Psiquiátrica.

Neste sentido, os autores supracitados, lembram que a postura ético-política adotada pelos profissionais envolvidos na assistência psicossocial em saúde mental, infelizmente relaciona-se com deficiências na formação acadêmica, que ecoam sob forma de práticas pouco reflexivas que tendem a reproduzir um modelo biomédico aprendido em contexto acadêmico.

A academia, por sua vez, apesar de ser um lugar de congregação de diversos saberes, ainda necessita sistematizar conhecimento para afirmar a cientificidade de suas ações, preparando os futuros profissionais com foco no estudo de categorizações de psicopatologia como maneira de entender o sofrimento humano.

Compreender a realidade por meio de uso de categorizações do comportamento humano representa também um atalho cognitivo e uma estratégia de tentar dar conta da complexidade da vida. Isto pode ser útil em certo sentido por tornar a realidade menos assustadora, bem como por facilitar a comunicação entre ciências diferentes e entre profissionais.

No entanto, é perigoso crer que ao ter domínio sobre as classificações em psicopatologia, o profissional está apto a cuidar de uma pessoa em sofrimento psíquico, pois a doença mental vai para além dos sinais e sintomas apontados nos livros de psicopatologia, incluindo vivências subjetivas complexas que vão desde os contextos familiares e sociais que estão presentes ao redor do doente, passando por questões culturais, políticas e até mesmo religiosas.

Além disso, cabe ressaltar a singularidade de cada pessoa em sofrimento. A fenomenologia como método de abordagem apresenta significativas contribuições ao sugerir que, diante de determinado fenômeno psicológico o cuidador realize uma suspensão de suas

crenças, a priori (suspensão fenomenológica) para tentar apreender o fenômeno em si, ou a realidade tal qual ela é para o outro.

Este exercício é complexo do ponto de vista prático, pois coloca o suposto saber do profissional em suspenso para que a percepção do paciente entre em evidência e ganhe uma configuração própria, subjetiva, individual, que deve ser considerada e trabalhada com vista ao favorecimento daquele que sofre.

Permitir-se a prática deste exercício demanda do profissional uma disponibilidade interna associada com virtudes como paciência e crença na capacidade humana de autorregulação, sendo quase um ato de fé, ainda que baseado em pressupostos filosóficos e científicos.

Costa e Grigolo (2009) em seu artigo, também lembram que garantir o trabalho interdisciplinar como metodologia de abordagem ao paciente em sofrimento psíquico é essencial, visto que ele é imerso em uma realidade complexa para a qual uma única ciência é insuficiente.

Por isso, ao submeter a prática a uma análise objetiva proporcionada pela abordagem científica, passa-se a qualificar os serviços e divulgar como está sendo feita a tão sonhada reforma psiquiátrica, o que poderá, ao mesmo tempo, estimular os profissionais ao comprometimento com a qualidade do trabalho desenvolvido e com a ética envolvida no cuidado. Na esteira destas constatações, evidenciou-se que explorar nuances distintas na abordagem ao sofrimento psíquico se faz necessário, dada a complexidade do fenômeno.

Conclusão

A minha missão, além de d'eu ser a Estamira, é revelar... é a verdade, somente a verdade. Seja a mentira, seja capturar a mentira e tacar na cara, ou então... ensinar a mostrar o que eles não sabem, os inocentes... (Anexo A)

Estamira, uma mulher negra, de baixa escolaridade, que ainda jovem ficou com seus três filhos, sem o apoio do companheiro. Sofreu ao longo da vida violência sexual, física, psicológica e moral passando a trabalhar em um aterro sanitário, de onde, por vinte e dois anos retirou o seu sustento, encontrando somente nos restos urbanos, o seu lugar no mundo.

Ao observar esta história, é possível que muitas pessoas ainda tenham uma percepção de que se trata apenas de uma fatalidade da vida, afinal, “o destino” é generoso apenas com uns poucos escolhidos. Mas se fizermos um esforço consciente e deliberado, pode-se perceber que a vida de Estamira leva a reflexões filosóficas, existenciais e sócio-históricas sobre a sociedade atual.

Uma dessas reflexões diz respeito ao fato de que relações de gênero podem levar a transtornos mentais, como o de Estamira, que viveu em situação de vulnerabilidade social agravada pelas suas condições econômica e sócio-histórica, já que era uma mulher cujas alternativas para a vida a aprisionaram num estado de impotência, de onde fugiu apenas por meio de seus delírios, nos quais questionou à Deus e aos Homens.

Este esforço reflexivo sobre o viés de gênero na área da saúde mental, apesar de focalizar na análise de uma mulher protagonista em um documentário, pode ser estendido a prática cotidiana de vários profissionais de saúde mental. Afinal, quantas “Estamiras” são atendidas diariamente nos serviços de saúde mental? Quantas mulheres tidas como “loucas” poderiam compartilhar do perfil Estamira?

Deste modo, este trabalho pretendeu integrar um conjunto de conhecimentos academicamente produzidos na interface entre Saúde Mental e Gênero. Para isso, partiu da concepção de que os sintomas possuem um caráter gendrado, isto é, eles não são signos motivados e imediatos tais quais os sintomas médicos, mas dependem de uma lógica própria na qual as relações de gênero são fundamentais.

Contudo, cabe pontuar que não estamos inferindo que a loucura é provocada pelas relações de gênero, mas que negligenciar esse caráter fundamental presente nos processos de subjetivação para pensar o sofrimento psíquico que se patologiza, significa deixar de incluir um dos eixos essenciais da construção do fenômeno.

Assim sendo, ao adotar o pressuposto feminista, este estudo posicionou-se de maneira implicada com mudanças na prática clínica e na abordagem ética em Saúde Mental, considerando fundamental a adoção de um fazer em Saúde Mental pautado em uma epistemologia de intervenção baseada no engajamento político, que leve em consideração que fatores psicossociais e socioeconômicos estão intimamente relacionados ao desenvolvimento de transtornos mentais e podem estar obscurecidos no ato de diagnosticar e tratar pacientes, usuários dos atuais serviços de Saúde Mental.

Consideramos ainda que se a proposta da reforma psiquiátrica, cuja principal bandeira é a desativação gradual dos manicômios e reinserção “dos loucos” na sociedade, os dispositivos públicos de Saúde Mental, devem ser espaços de resgate de falas numa perspectiva não apenas individual, mas social, tornando o fazer clínico também político, e por isso consciente e crítico.

Nesse sentido, a categoria gênero (explorada neste trabalho) vem juntar-se a outras como, por exemplo, classe e raça, que ajudam a melhor compreender os modos de constituição dos sujeitos e de suas subjetividades, ampliando a compreensão acerca da complexidade em torno do sofrimento mental, tornando possível a sua desnaturalização e o acolhimento de novas formas de tratamento e intervenção.

Esta compreensão amplia a concepção sobre saúde e doença, permitindo uma integração de saberes que deve ser incentivada desde a graduação e constantemente aperfeiçoada, afinal é impossível que apenas uma disciplina seja capaz de responder a esta demanda.

A capacitação constante dos gestores e profissionais de Saúde Mental vai ao encontro dessa compreensão e ajuda a desenvolver nos trabalhadores as atitudes necessárias ao acolhimento do sofrimento psíquico ao invés de perpetuá-lo sob um rótulo psicopatológico.

REFERÊNCIAS

CHESLER, Phyllis. Asylums. In: _____. **Women and madness**. New York: Palgrave Macmillan, 2005.

COSTA, Ileno Izídio; GRIGOLO, Tânia Maris. **Tecendo redes em saúde mental no cerrado: estudos e experiências de atenção em saúde mental**. Brasília: Ed. UnB, 2009.

ENGEL, M. Psiquiatria e feminilidade. In: DEL PRIORY, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004.

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

DINIZ, Glauca; PONDAAG, Mirian. A face oculta da violência contra a mulher: o silêncio como estratégia de sobrevivência. In: ALMEIDA, Ângela; SANTOS, Maria de Fátima; DINIZ, Glauca; TRINDADE, Zeidi (Orgs.). **Violência, exclusão social e desenvolvimento humano. Estudos em representações sociais**. Brasília: Ed. UnB, 2006.

_____; _____. Explorando significados do silêncio e do segredo nos contextos de violência doméstica. In: MALUSCHKE, Gunther; BUCHER-MALUSCHER, Júlia N.S.; HERMANN, Klaus (Orgs.). **Direitos humanos e violência – Desafios da ciência e da prática**. Fortaleza: Fundação Konrad Adenauer, 2004.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura: na idade clássica**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GARCIA, Carla Cristina. **Ovelhas na névoa – Um estudo sobre as mulheres e a loucura**. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1995.

HARPER, David J. On the persistence of psychiatric diagnosis: moving beyond a zombie classification system. Special issue Point of View. **Feminism & Psychology**, 2013.

MALUF, S. W. Gênero, saúde, aflição: políticas públicas, ativismo e experiências sociais. In: _____.; TORNIQUIST, C. S. **Gênero, saúde e aflição: abordagens antropológicas**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2010.

NASCIMENTO, W. F.; ZANELLO, Valeska. Uma história do silêncio sobre gênero e loucura – Parte I. Sobre o que não se fala em uma arqueologia do silêncio: as mulheres em História da Loucura. In: ZANELLO, V.; ANDRADE, A. P. M. (Orgs.). **Saúde mental e gênero – Diálogos, práticas e interdisciplinariedade**. Curitiba: Appris, 2014.

_____.: _____. Uma história do silêncio sobre gênero e loucura – Parte II. Sobre a locura e as épocas e as mulheres. In: ZANELLO, V.; ANDRADE, A. P. M. (Orgs.). **Saúde mental e gênero – Diálogos, práticas e interdisciplinarietà**. Curitiba: Appris, 2014.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Revista Estudos Feministas**, CFH/CCE-UFSC, v. 08, n. 02, p. 09-41, 2000.

PRADO, M. (Produtor); PRADO, M. (Diretor). **Estamira** (Filme Cinematográfico). Brasil, Rio de Janeiro: Europa Filmes, 2007.

SWAIN, Tânia. **A construção das mulheres ou a renovação do patriarcado**. Disponível em: <http://www.tanianavarrowswain.com.br/labrys23/filosofia/anahita.htm>>. Acesso em: 18 set. 2014.

_____. Diferença sexual: uma questão de poder. In: **I Simpósio de Gênero e Literatura da Universidade Federal do Ceará**, agosto de 2011. Disponível em: <<http://www.tanianavarrowswain.com.br/brasil/diferença%20sexual.htm>>. Acesso em: 18 set. 2014.

TENÓRIO, Fernando. A reforma psiquiátrica brasileira, da década de 1980 aos dias atuais: histórias e conceitos. **História, Ciências, Saúde**, Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 09, n. 01, 2002.

VENTURA, Leonardo de Souza Lima. **Estamira em três miradas**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

ZANELLO, V. A saúde mental sob viés de gênero: uma releitura gendrada da epidemiologia, da semiologia e da interpretação diagnóstica. In: _____.; ANDRADE, A. P. M. (Orgs.). **Saúde mental e gênero – Diálogos, práticas e interdisciplinarietà**. Curitiba: Appris, 2014.

_____. Saúde mental, mulheres e conjugalidade. Gênero e feminismos: articulações e perspectivas. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2014.

_____.; BUKOWITZ, Bruna. Insanity and culture: an approach to the gender relations in the speeches of psychiatrized patients. **Labrys**, v. 20-21, 2012.

Anexo A: Transcrição do documentário “Estamira”

(05 mim 40s)- Cena em dia claro, céu azul, tempo bom. Estamira parece bem disposta e em atividade colocando-se a pegar alguns objetos e mudá-los de lugar. Está rodeada de objetos descartados que estão amontoados, ligeiramente separados por classes e postos lado a lado. Sua fala se inicia apenas no fundo da cena sem que ela mesma apareça falando, porém logo sua imagem se torna o centro e a fala se encaixa no vídeo que vemos.

Estamira: A minha missão, além de d’eu ser a Estamira, é revelar... É a verdade, somente a verdade. Seja a mentira, seja capturar a mentira e tacar na cara, ou então... Ensinar a mostrar o que eles não sabem, os inocentes... Não tem mais inocente, não tem. Tem esperto ao contrário, esperto ao contrário tem, mas inocente não tem não.

Estamira: Vocês é comum... Eu não sou comum... Joga água ni mim... Só o formato que é comum. Vou explicar pra vocês tudinho agora, por mundo inteiro. É cegar o cérebro... O gravador sanguíneo... de vocês. E o meu eles não conseguio, conse... Porque eu sou formato gente, carne, sangue, formato homem, par... Eles não conseguiram. É... A bronca deles é essa! Do trocadilo! Do trocadilo!

Estamira: O trocadilo... Amaldiçoado, excomungado... hipócrita, safado, canalha... indigno, incompetente, sabe o que que ele fez? Mentí pros homem, soduzi os homem, cega os homem, é soduzi os homem, infetivá os homem, depois jugar no abismo! Eh! Tá por...Foi isso o que ele fez. Entendeu? Por isso que eu tô na carne! Pra... sabe pra que? Desmascarar ele com a quadrilha dele todinha! E dirrubu! Dirrubu... falo que eu dirrubo, porque eu dirrubo mesmo... quer me dafiar? É ruim, heim! Ele é tão poderoso... ao contrário, que eu, até depois de... a carne, veinha desse jeito, feia desse jeito, boba desse jeito, ele ainda quer mais... ah! Ai, ai! É mole? Você é bobo, rapaz...

(8 mim 30)

Estamira: A lá... os morros, as serras, as montanhas... paisage e Estamira... estamar... esta...serra... Estamira está em tudo quanto é canto... tudo quanto é lado... até meu sentimento mermo veio... todo mundo vê Estamira!

Estamira: Felizmente, nesse período que eu comecei a revelar e cobrar... a verdade... sabe o que que acontece? Felizmente tá quase todo mundo alerta. Erra só quem quer.

(11 min)

Estamira: Isso aqui é um depósito... dos restos. Às vezes... é só resto... e as vezes... vem também... descuido. Resto e descuido... Quem revelou o homem como único condicional... ensinou ele a conservar as coisas. E conservar as coisas... é protege... lavar, limpar e usar mais... o quanto pode. Você tem sua camisa. Você está vestido, você está suado... você não vai tirar sua camisa e jogar fora. Você não pode fazer isso. Quem revelou o homem como único condicional... não ensinou a trair... não ensinou homilhar... não ensinou tirar. Ensinou ajudar. Miséria não, mas as regras sim. Economizar as coisas e maravilhoso. Porque quem economiza tem. Então as pessoas... têm que prestar atenção no que eles usam... no que eles têm. Porque ficar sem é muito ruim. O trocadilo fez duma maneira... que quanto menos as pessoas têm... mais eles menosprezam, mais eles jogam fora. Quando menos eles tem.

Estamira: Eu, sou... a visão de cada um. Ninguém pode viver sem mim... Ninguém pode viver sem Estamira. Eu... me sinto orgulho e tristeza... por isso. Porque eles, os astros negativo, ofensivo... suja... os espaços... e quer-me... quer-me e suja tudo. A criação toda é abstrata, os espaços inteiro é abstrato, a água é abstrato, o fogo é abstrato, tudo é abstrato. Estamira também é abstrato.

(15 mim 35)

Estamira: Visivelmente, naturalmente... se eu me desencarnar... eu tenho a impressão que eu serei muito feliz. E talvez... eu poderia ajudar alguém. Porque o meu prazer sempre foi esse: ajudar alguém. Ajudar um bichinho. Tem 20 anos que eu trabalho aqui. Eu adoro isso aqui. A coisa que eu mais adoro é trabalhar.

(17 min)

Estamira: Tem o eterno, tem o infinito, tem o além... tem o além dos além. O além dos além vocês ainda não viram. Cientista nenhum ainda viu o além dos além.

Estamira: Sabe de uma coisa? O homem, depois que ele fica visível... depois que nasce, ele, depois que ele desencarna... a carne, se for pro chão... dissolve, derrete, fica só osso e os raios, os cabelos. E aí, ele fica formato a merma coisa... Mas só acontece que fica transparente, perto da gente. Meu pai tá perto de mim, minha mãe, os amigos... Ó... eu tô vendo... A gente fica formato transparente e vai. Vai como se fosse um pássaro... voando. Ó, lá em casa eu vejo é muito, vai muito lá em casa.

(18min 33s)

Estamira: Bem, mas então vamos agora. Eu nasci no sete do quatro de 41. A carne e o sangue, o formato. Formato homem par, mãe e avó. E aí então, sabe o que que aconteceu? Eles levaram meu pai no 43. Aí nunca mais meu pai voltou, entendeu? Meu pai chamava eu de tanto nomezinho... Chamava eu duns nome engraçado... Merdinha... Neném... Fiinha do pai... Tem nada, não. É comigo. Aí então, depois, sabe o que que eles falaram? Depois eles falaram que meu pai morreu. Aí então... minha mãe ficou pra cima e pra baixo, pra cima e pra baixo comigo. Judiação, não é? Coitada da minha mãe. Mais perturbada do que eu. Bem, eu sou perturbada, mas lúcido e sei distinguir a perturbação. Entendeu como é que é? E a coitada da minha mãe não conseguia. Mas também pudera, eu sou Estamira. Se eu não der conta de distinguir a perturbação, eu não sou Estamira... eu não era, eu não seria...

Estamira: E ainda teve... (tosse repentina que se desencadeia a fala a seguir) Intervenção real do radar, verificar... (age como se estivesse procurando alguma coisa no ar que possa ser responsável pela indução da tosse. A fala a seguir pode não ter se originado logo após o episódio da tosse, já que a sequencia de imagens nos permite desconfiar de uma montagem e, portanto, da fala a seguir ter sido inserida aqui) Ah, o controle remoto. Ó... Tem o controle remoto superior, natural... e tem o controle remoto artificial. O controle remoto é uma força quase igual assim, mais ou menos igual... à luz, à força elétrica, à eletricidade, sabe? Agora é o seguinte, no homem... na carne e no sangue tem nervos. Os nervos de carne sanguínea... (age da mesma forma como se estivesse procurando com os olhos algo que estivesse interferindo ou influenciando-a) vêm a ser... os fios elétrico. Agora os deuses, que são os cientistas... técnico... eles controla... ele... ele vê aonde ele conseguiu... os cientistas, determinados, trocadilos, ele consegue... porque o controle remoto não queima, torce. O cientista tem mediador que controla, igual ferro, o ferro ali, aquele que tem número. Tem pra lá, tem pra... É tão simples, né?

22 mim- Mudança de cena- Natal do ano 2000.

Estamira: Passei menos mal depois daquele dia, mas depois voltou a atacar. Aqui, ó... (aponta para o flanco direito com uma face de sofrimento e dor) torce assim, ó... É o controle remoto, é a força... É, olha... a câmara artifici, é... natural, não me faz mal. É a artificial... que faz mal pra carne.

Montagem da cena- manutenção do contínuum

Estamira: É a costela, é em tudo quanto é lugar. (ocorre aqui uma eructação) Aí!

Mudança de cena- manutenção do continuum

Estamira: Aí, ó, foi na cabeça! (numa referencia a algo que lhe atingiu a cabeça)

Estamira: O controle remoto, tudo é um só.

Mudança de cena com manutenção do continuum

Estamira: Esse controle remoto... tem o... artificial e tem o natural superior. (mudança da cena sem prejuízo do continuum) Agora tem o registrador de pensamento, (retorno para a sincronia da imagem e som) você viu? Ora, você não viu, rapaz? Você tá brincando comigo. Puxa vida! É a mesma coisa do... eu já te falei! É a mesma coisa do eletro... é... esferograma. Merma coisa.

Mudança de cena e de contínuum.

Estamira: Escutou? Seu Davóla... Trovão (a fala anterior não está em sincronia com a imagem de Estamira fazendo aquele discurso, porém a sincronia logo retorna na fala seguinte) E é mermo! Ai... (sobreposição de outra cena sem sincronia de imagem e som, e o retorno a seguir) Lá vem relâmpago. Lá em casa ele sai de debaixo da cama. Aí faz bum! Bam! Aí o relâmpago faz prá! (entrada de cena sem correlato sonoro com a fala a seguir, porém a sensação de continuidade da fala é mantida) Ô trem danado de bom! Ah... Tempestade...

24 mim- Mudança da cena com aparência de manutenção da continuidade do espaço e tempo do filme

Estamira- Natal, pra mim, tudo que nasce é natal. E ainda mais essa confusão misturado com o sofrimento de Jesus. Eu não tenho nada contra o homem que nasceu, entendeu? É, pra eles, o que era bom era Deus, depois... eu revelei quem é Deus, porque eu posso, felizmente... sem prevaleção, sem repugnância, com muito orgulho, com muita honra... Estamira, eu. Posso revelar, revelei porque posso... porque sei, consciente, lúcido e ciente, quem é Deus... o que que é Deus, o que que significa Deus e a outro mais.

Estamira- Você quer saber? Eu não tenho raiva de homem nenhum. Eu tenho é dó. Eu tenho raiva sabe do quê? Do trocadilo, do esperto ao contrário... do mentiroso, do traidor. Desse é que eu tenho raiva, ódio, nojo!

Estamira: Jesus correu e escondeu inté desde antes de nascer. O Jesus que eu conheço como Jesus, filho de Maria, filho de Irael... filho de rua. Eu já tive dó de Jesus, agora não tenho mais dó. Não tenho mais dó de Jesus mais, não. Eu já tive dó de escravo. Não tenho mais dó de escravo também, não.

Estamira: Se eu sou atarantada por Jesus. Me chamam de Jesus... me chamam de sangue de barata, me chamam de sangue de Cazuza... me chama de ... de Maria, que é mãe de Jesus. Me... que Deus é esse? Que Jesus é esse? Que que é isso?

Estamira: Se eles acham que eu sou feiticeira, eu sou feiticeira... mas não sou feiticeira farsária e nem perversa, não. Mas eu sou ruim. Perversa eu não sou, mas ruim eu sou. Sou mesmo e não vou deixar de ser ruim, sem perversidade. Na cobrança. Mas eu conto até três, eu conto até dez, eu tenho o controle superior.

Mudança de ambientação

Estamira: O além dos além é um transbordo. Você sabe o que é um transbordo? Bem, toda coisa que enche... transborda. Então... o poder superior real, a natureza superior... contorna tudo pra lá, praquele lugar, assim como as reservas. Tem as reservas... nas beirada, entendeu como é que é? Nas beiradas ninguém pode ir... home pode ir lá. E aqueles... astros horrorosos... irrecuperável, vai tudo pra lá. Não sai lá mais nunca. Pra esse lugar que eu tô falando. Além dos além. Lá pras beiradas, muit longe, muito de... muito longe, muito longe... Sanguineo nenhum pode ir lá. Vocês não vai entendendo de uma só vez... que eu sei. Por isso que ainda estou aqui visível, formato homem par. Homem par. Não tô formato homem ímpar. Formato homem ímpar é vocês. Formato par é os... mãe... as mae é formato par ... e os ímpar... é o pai.

Mudança da cena e da ambientação

Estamira: Eu transbordei de raiva. Eu transbordei de ficar invisível... com tanta hipocrisia, com tanta mentira, com tanta perversidade... com tanto trocadilo... eu, Estamira!

Estamira: As doutrina errada, trocada... ridicularizou os homem... ridicularizou mesmo, é isso mesmo. Ramipra! Entendeu? Fez o homem expor ao ridículo pra eles. Fez do homem pior do que um quadrúculos! Então que deixasse os homems... como fosse antes de ser revelado o único condicional.

(31 mim01)- Mudança de cena e da ambientação

Pingueleto- Bora, vamo... Um atrás do outro! Bora! Vamo! Bora, bora, bora, Nicolau. Um atrás do outro. Esse é o pingueleto. Esse é o Teobaldo, pô. Muito conhecido aqui, rapaz, na rampa aqui, com todo mundo aqui. Pode perguntar que é o Pingueleto que todo mundo sabe. Meu nome verdadeiro é Teobaldo dos Santos. E aí, Pingueleto? Tá dando mole, né, Pingueleto? Nunca fui preso. Não devo nada a ninguém. Pô... Eu não tenho irmão nenhum. Irmão que eu tenho é só Deus, só. Minha parada é aqui. Aqui o meu pombo, aqui. Aqui tá dentro aqui, ó. Ó, comida não falta... aqui... Quem falar que falta comida aqui na rampa, aqui, está mentindo. Está mentindo, porque é preguiçoso, tá? Mas eles come... come melhor de que eu, pô. Come melhor de que eu. E, se eu dizer pra você, você não vai acreditar. Come inté melhor do que você, pô. Eu desço lá em baixo e panho água gelada, pô. Â... Nicolau, Chicolino... Bolinha, Catraca, Neguinho... Tá... Onde eu moro? Onde eu moro, eu moro mais aqui na rampa. Mas tem muito lugar pra morar, pô... Tá... Eu não vou porque não quero. Eu me sinto satisfeito com meus bichinhos. Não tenho aborrecimento nenhum aqui. Eu conheço todo mundo... todo mundo tem intimidade comigo. Eu tenho com eles, né? Bora, um atrás do outro... Pra cá... Bora, bora, bora, bora, bora! Um atrás do outros. Vocês sumiu, pô.

(33mim25)

Estamira: Ah! Daqui.. dois dias isso aqui já tá cheio, igual ali.

Estamira: Eu não gosto de falar de lixo, não é? Mas vamos falar de lixo. É cisco, né? É caldinho disso. É fruta, é carne, é plástico fino, é plástico grosso... é não sei o que mais lá... E aí vai azedando, é laranja, é isso tudo... E aí faz esse puquê, sabe? É... aí, imprensa, azeda, fica tudo danado e faz a pressão também. E aí vem o sol e esquenta e mais o fogo de baixo... aí, forma o gás, o gás carbônico, entendeu? Do qual o gás carbônico serve pra... até pra cozinha, pra qualquer coisa. Mas ele é forte, ele é bravo. Quem... não consegue a... tem gente que não se habitoa com ele. Não dá conta... é tóxico.

(34mim45)- Mudança de cena e da ambientação

Estamira: Felizmente, graças aqui, eu tenho aquela casinha lá, aquele barraco. Eu acho sagrado o meu barraco. Abençoado... e eu tenho raiva de quem falar que aqui é ruim. Saio daqui e eu tenho pra onde descansar. Isso é que é a minha felicidade!

(35mim 18s)- Mudança de cena e ambientação- Diálogo

Estamira: Entendeu? Ela é igualzinha ao pai dela. A cara.

Carolina: Meu pai era grosso, temperamental, mas...

Estamira: O que é que é isso aí, hein? Olha o pé... o pé no prego.

Carolina: Era bom... Gostava muito dela, mas eles brigavam muito. Apesar de parecer gostar dela, mas tinha outros casos, outras mulheres. Era uma vida, né? Uma vida de verdade. Aqui a gente tem de se esforçar... vendo essa vida a gente tem de se esforçar pra... dar força pra ela continuar vivendo, porque eu não acredito que ela... esqueceu tudo. Acho que ela vive nesse mundo pra... esquecer o que nós vivemos. Errou muito ele. Mas, como ele não está aqui pra se defender... a gente não pode tar malhando, falando nada, né?

Estamira: Enquanto você estiver, ele está.

Carolina: Mas, mesmo assim, né... sangue é sangue... pai é pais... eu... ele morreu eu gostando dele. Gostava muito dele.

Estamira: Bem, quando eu fui no Goiás, sabe o que aconteceu? Foi dois PM pra bater ni mim. Uai, porque queria que eu aceitasse Jesus no peito e na raça. É! E Deus no peito e na raça... então...

Carolina: Ela é contra Jesus e contra Deus.

Estamira: E você? Eu não sou contra, presta atenção.

Carolina: Mãe, cada um tem um ponto de vista.

Estamira: Que ponto de vista, porra nenhuma! Deixa de ser otária! Ainda está com isso ainda? Olha essa porra aí, ó.

Carolina: Cada um tem um ponto de vista.

Estamira: Deixa de ser otária... deixa de ser abestalhada! Deixa de ser abestalhada... Deixa de ser otária. Jesus, nem filho... Eu não sou contra ele... eu tenho... pelo contrário, eu tenho é dó. Eu tenho é dó dele, entendeu? Eu conheço ele desde antes de nascer. Desgraça de tanta burrice! Tanta coisa teimosa, pô! Eu não falei procês lá no hospital? Tudo...!

Carolina: Mãe, eu só tô falando que eu tenho meu ponto de vista, a senhora tem o seu, ué!

Estamira: Que ponto de vista o quê? Ponto de vista errado!

Carolina: A senhora gosta de rosa, eu gosto de amarelo... e aí?

Estamira: Que gosta do rosa, gosta do amarelo o quê!

Carolina: Eu sou obrigada a gostar do rosa igual a senhora?

Estamira: Cor não tem nada haver com isso! Quem foi que falou que eu não gosto dele? Só mão é isso que vocês pensam!

Carolina: Mas a senhora sabe o que eu penso por acaso?

Estamira: Não é isso que vocês pensam!

Carolina: A senhora não sabe o que eu penso.

Hernani: Mas este livro é testemunha de Jeová.

Estamira: Ele leu um bocadinho, já, tá...

Hernani: Não, mas leio muito livro... eu leio todas as igrejas... todas as religiões pra poder ter um parecer. Eu faço um estudo, entendeu?

Estamira: Não, de cada um ele... de cada um ele tira um ponto.

Hernani: Eu aprendo assim, de acordo com a fé que Deus me deu.

Carolina: Bem faz ele... Já começou, caiu.

Estamira: Aí, caiu, caiu, caiu!

Carolina: Caiu em contradição.

Estamira: É! Tá seviciado... Caiu...

Hernani: A Bíblia fala que...

Estamira: Que Bíblia? Papel aceita até levar no banheiro. Papel é indefeso!

Carolina: Tá pior que eu, ó...

Estamira: Eu, hein...

Hernani: Pior é quando a pessoa usa o nome de Deus pra fazer piada... pra... pra enganar os outros, entendeu?

Estamira: E pra debochar.

Carolina: Estopa, estopa, que, senão, a gente fica aqui até amanhã de manhã. Ela não é louca, mas não é completamente 100%, entendeu? Cadê ela? Está lá fora?

Hernani: Tá na cozinha.

Carolina: Deus que me livre... mas ela morrerá mais feliz aqui se for no meio da rua do que numa clínica lá. Ela sabe... Ela prefere viver dois anos livre do que viver cinco anos... bem, trancada num lugar, você sabe disso.

Hernani: Você não está entendendo. Isso aí não vou dizer que ela vai ficar a vida, o resto da vida... o pouco ou, sei lá, o muito que ela tiver. Ela vai ficar até pelo menos ela... entendeu? Ela... ela... eu acho mais o problema dela é sistema nervoso.

Carolina: Mas só que pra ficar lá, teria de ser dopada, amarrada. Pra mim... ele é mais forte que eu nesse caso, se precisar de amarrar e dopar é com ele mesmo. Eu já não... Eu acho judiação, não tenho coragem de deixar, dentendeu?

Estamira: Depois eu falo com você...

Estamira: Tá dando controle remoto aqui... Aí, tá vendo? Ele entra...

(39mim 28)

Carolina: Vivia com meu pai, né? Numa casa boa... Meu pais era mestre-de-obra... ganhava razoavelmente bem. Tinha uma Kombi, tinha uma... na época, uma Belina. Ela andava com... com... pecinhas de ouro... eu também tinha bastante, meu pai dava... Até então tudo bem. Vivia bem com ele, mas o meu pai judiou muito dela... muito, muito, muito dela mesmo. Com traição... levava mulher até dentro de casa dizendo que era colega. Aí, ele puxou faca pra ela, ela puxou pra ele, aquela brigaramada toda. Aí botou a gente pra fora de casa... aí, de lá começou o... a luta, né?

(40mim20)

Estamira: A culpa é do hipócrita, mentiroso... esperto ao contrário, entendeu? Que joga a pedra e esconde a mão! Do qual, antes de ontem, eu dei uma briga com meu próprio pai... astral! O senhor ouviu? O senhor ouviu o toró? O senhor sabe o que que é um toró? Eu estava brigando! Eu! Estava brigando com meu pai... astral!

(41mim 07)

Estamira: Se eu não fosse casada... e esse senhor não fosse casado, eu casava com esse senhor.

João: E Se eu não fosse casado, eu casava com ela!

Estamira: Ôpa!

João: É a mesma coisa que eu falei...

Estamira: Êpa...

Pingueleto: Casei muitas vezes já... Tô separado e não quero mais saber de mulher, não. Prefiro ficar sozinho e teso...

Estamira: A punheta?

Pingueleto: Tocá uma punheta que é melhor, pô.

Estamira: risos...

(47mim57)

Estamira: Colombina, olha lá você, eu vou dançar o iê-iê-iê... Eu te avisei, cabra safado! Me respeita, cabra safado! Já era, matou todo mundo.

(42mim31)

Pingueleto: Minha namorada é ela. Eu vou casar com essa pinguela... vou mesmo... com a Estamira. Quando ela quiser, pô. Passar o cerol. Porque a idade que ela tem eu também tenho quase a idade dela. Um bom casamento, né? E não tá bom, pô? Tá bom direito, né?

(42mim57) pseudo-glossolia...

Estamira: Eu te amo... mas você é indigno, incompetente, e eu não te quero nunca mais! Eu lamento... eu te amava... eu te queria... mas você é indigno, incompetente, otário... pior que um oprco sujo! Advirta-se, faça bom prato. Deixa-me! Eu prefiro o destrezo. Anda-se! (pseudo-glossolia) Nunca mais enconstarás... em mim.

(45mim44ss)

Carolina: Minha mãe, quando ia trabalhar no Jardim Gramacho... logo quando ela começou, ela passava duas semanas, às vezes uma semana... dormindo ao relento, sei lá como, às vezes em barraca... às vezes ao relento mesmo lá em cima, lá na rampa, lá... Depois vinha pra casa, tomava banho, se limpava toda bonitinha... ficava perfeita, depois voltava de novo e assim ia. Passou 5 anos assim. Eu e meu irmão, um dia, chamamos ela: “Mãe, sai dessa vida lá do lixão... lá é difícil... a pessoa tem que dormir no relento e coisa e tal”... Aí conversamos: “É perigoso achar um negócio que fura você, te contamina”. Ela quis sair. Aí ela foi trabalhar no Mar e Terra. E, quando ela saía dia de sexta-feira, sábado, eu acho assim... aí, se reunia com os colegas que trabalhava, né... nas firma... ia pra lá beber uma cervejinha e coisa e tal. E depois, na hora de ir embora, cada um ia pro teu canto, né? E ela vinha sozinha. Aí foi estuprada uma vez n centro de Campo Grande... foi estuprada uma segunda vez aqui nessa mesma rua que eu moro. Na época, não tinha nem luz aqui. Aí falou, né, que... o cara fez sexo anal com ela e ela gritando: “Pára com isso, pelo amor de Deus!” – “Que Deus? Esquece Deus!”, o estuprador falava pra ela. E fez sexo de todas as formas que quis com ela e depois mandou ela í... “Se adianta, minha tia, se adianta”, mandou ela embora. Aí, chorava, contava esse caso... Ela é muito revoltada, né? Nesse tempo ela não tinha alucinação nenhuma... não tinha perturbação nenhuma... muito religiosa... e acreditava que Deus ia... que aquilo que ela tava passando tipo... era uma provação. Começou a alucinação assim: Ela começou a chegar em casa... e falou assim: “Dona Maria”, que é minha sogra... “Você sabe que, quando eu cheguei lá no meu quarto hoje pra trabalhar... tinha feito um trabalho de macumba pra mim. Agora você vê se eu acredito nessas coisas, nessas palhaçadas, danada... o pessoal, em vez de trabalhar, né, pra adquirir as coisas...” Aí pisou na macumba, jogou a tal da macumba fora... fez não sei o que lá mais... “Eu vou acreditar nessas coisas nada... que Deus me protege, Deus é... é tudo... é Deus que me guia e me guarda.” Tá bom. Aí um mês depois começou, ó: “Tem gente... tem... eu tenho a impressão que tem gente do FBI atrás de mim... Eu tenho a impressão que tem pessoas que tá no.. eu tô... quando eu não sei pra quê. Um tipo com câmara escondida.”

(48mim11)

Carolina: Um dia, sentou... lá no quintal da minha sogra... aí, olhou pros pés de coqueiro... olhou, olhou, olhou, olhou... aí, virou pra minha sogra e falou assim: “olha, isso

aqui é o poder... é... isso que é... que é tudo que é real... isso é que é real”. Naquele dia, eu acho que ela desistiu mesmo de Deus e... agora é só eu e eu... e o poder real acabou.

(48mim44)

Estamira: Trocadilho safado... canalha... assaltante de poder... manjado, desmascarado... (cospe no chão) Me trata com meu trato que eu te trato! Me trata com meu trato que eu te devolvo o teu trato. E faço questão de devolver em triplo. Onde já se viu uma coisa dessa? A pessoa não pode... andar nem na rua que mora! Nem trabalhar dentro de casa! E nem em trabalho nenhum! Aonde o senhor... se... Que Deus é esse? Que Jesus é esse... que só fala em guerra e não sei mais o que? Não é... não é ele que é o próprio trocadilo? Só pra otário, pra esperto ao contrário, bobado, bestaiado! Quem já teve medo de dizer a verdade largou de morrer? Largou? Quem anda com Deus dia e noite, noite e dia na boca... ainda mais com deboche, largou de morrer? Quem fez o que ele mandou... o que o da quadrilha dele manda, largou de morrer? Largou de passar fome? Largou de miséria? Ah, não dá! Não adianta! Ninguém, nada vai mudar meu ser! Eu sou Estamira aqui, ali, e lá... no inferno, nos inferno, no céu, no caralho... em tudo quanto é lugar! Não adianta! Quanto mais essa desgraça, esse piolho de terra suja... amaldiçoada, excomungada... que renegou os homem como único condicional... mais ruim eu fico, mais pior eu fico, mais pior eu sou! Perversa eu não sou, não. Mas ruim eu sou! E não adianta! E antes de nascer eu já sabia disso tudo! Antes de eu tá com a carne e sangue, é claro, se eu soua a beira do mundo! Eu sou Estamira. Eu sou a beira, eu tô lá, eu tô cá, eu tô em tudo quanto é lugar! E todos depende de mim... todos depende de mim, de Estamira! Todos E, quando desencarnar, vou fazer muito pior!

(51mim24)

Hernani: Seu Leopoldo, o falecido Leopoldo Fontanive, né? Meu pai de criação... ele não deu dinheiro nenhum pra ajudar minha mãe, não. Então, aí eu fiquei ligando a semana toda pra esses hospital, né... que trata da cabeça das pessoas, vê se tinha vaga... pra poder internar ela, eu tinha combinado com ele assim. Aí, consegui uma ambulância. Aí fomos pra lá. Fomos pra lá pro lixão. Aí, chegou lá, até os bombeiros estavam com medo... de encostar a mão nela, porque ela queria morder e tudo, começou a gritar nome de entidades de macumba, né? E daquele jeito... chega espumando, né... parecendo bicho mesmo... é... gritando, aí... eles pegaram uma corda e amarraram ela... com a mão pra trás assim e enrolaram. Aí fomos pro hospital de Caxias. Chegou lá, a menina falou: “ Não, aqui não dá pra internar, porque aqui não tem esse tratamento”. Tinha que levar pro Engenho de Dentro. Aí fomos chegar lá em Engenho de Dentro. Aí Engenho de Dentro, tudo bem. Diz que quem entrar ali não sai, né? Só com autorização do responsável. Aí, no caso, eu era o responsável... aí comecei a preencher a ficha. Aí, não quis aceitar... mesmo com os bombeiro lá falando, entendeu, conversando... quer dizer, tivemos de voltar e levar ela lá pra Caxias de novo. Aí, mandaram eu esperar ela acordar. Quando ela foi acordar, que eu fui: “ Mãe, vamos embora?”, ela já veio me mordendo. Aí eu falei: “o que que eu posso fazer? Deixei ela lá.

(52mim55)

Estamira: A desgraçado da família Itália, juntamente com aquele meu filho... me pegaram aqui dentro xomo se eu fosse uma fera, um monstro... algemado! E aquele meu filho ficou contaminado pela terra suja, pelo baixo nível... pelo insignificante, parecendo um palhaço lá, lá dentro do hospital! A coisa mais ridícula!

(53mim33)

Estamira: Eu não vivo por dinheiro, eu faço dinheiro. Eu é que faço, é você que faz. Eu não vivo por... pra isso, por isso. Eu é que faço. Não tá vendo eu fazer? Entendeu agora?

A fala que se segue ocorre em cima de uma imagem na qual Estamira está olhando ao longe, expressando uma face de sofrimento e dor. Atua com uma eructação e permanece num processo de consciência do corpo monitorando as sensações desprazerosas. Durante todo o processo uma fala desconectada da articulação bucal pronuncia os significantes a seguir:

Estamira: O controle do remoto... atacou. Em desde manhã. A noite inteira perturbando... os astros negativo, ofensível... Eles tá pelejando pra ver se atinge uma coisa... que se chamam de coração, meu, ou então... a cabeça. Eles tão fodido. Tão poderoso ao contrário. O hipócrita, o safado... traidor, mentiroso, manjado, desmascarado... que se mete com a minha carne visível, com minha camisa sanguínea... carnifica. Estamira. Eles tá fodido, tá fodido comigo até pra lá dos ex-quinto dos inferno!

(55mim24)

Estamira: Aí, des... a... é... descarregam uma coisa muito importante aqui... que é o de comer... enlatados, conservas... Amanhã, por causa disso, eu vou preparar uma bela duma macarronada, entendeu? Macarrão eu já tenho. Deixa eu ver o que que é isso. Agora no momento eu não sei nem o nome desse aqui. Mas é conserva. É preparado lá fora. E boa, sabe? Aqui, ó... isso aqui também eu ponho no... Isso aqui eu como a... purin. Palmito. Veio uma carga muito boa... Olha, tá vendo? Eu ponho no molho do macarrão também, tá vendo? E às vezes fica até melhor do que lá no restaurante. Pra quem sabe preparar, né?

(56mim42)

Estamira: Tem o lúcido. Daquele que eu escrevi lá. Que é o lúcido, é isso aqui. Tem o ciente. O ciente é o saber... do qual Jesus não sabe ler nem escrever... mas ele aprendeu toda coisa de tanto ele ver o lucidar. A tua lucidez não te deixa ver. A ilucidez e a lucidez. A lucidez e a ilucidez. Tá bom. E o sentimento, né? Consciente, lúcido e ciente. E tem o sentimento. Tá bom. O que fica... pegando, a colhendo, gravano é o sentimento. Agora, por exemplo... sentimentalmente, visivelmente, invisivelmente, formato... transparente, conforme eu já lá te disse... eu estou num lugar bem longe, num espaço bem longe... Estamira tá longe. Estamira tá em todo o lugar. Estamira podia ser irmã... ou filha ou esposar... de espaço, mas não é. Espera aí que eu tô descendo. A lá... Aonde que eu estou. Eu estou aqui e estou lá. Vocês não aprenderam na escola, vocês copeam. Vocês aprendem é com as ocorrências. Eu tem neto com dois anos que já sabe disso. Tem de dois anos e ainda não foi na escola copiar... hipocrisias e mentiras charlatagem!

(59mim10)

Estamira: Ó, tá escutando? B-T-G-P-T-1-4-0-5-9! Câmbio, exu! Fala, Mageté, fala! Â... 19, 3, pois! (início pseudo-glossolalia) Tchau.

(01h01mim47)

Estamira: A doutora me perguntou se eu ainda tava escutando... as voz que eu escutava. E eu escuto os astro... é... as coisas, os pressentimento das coisa... e tem hora que eu fico pensando como é que eu sou lúcida. Estamira sem carne... Estamira invisível vê. Vê e sente as coisa tudinho. Por isso que eu sou Estamira mesmo, né? Tem vez que eu fico pensando... mas eu não sou um robô sanguíneo, eu não sou um robô. Eu falei pra Dr^a Alice: “Minha cabeça

tem hora que faz até choque assim, cham... cham... Não dói, não. Dá agonia, dá choque. Bate assim igual onda do mar... chá... chá... Igualzinho a onda do mar.

(01h03mim15)

Estamira: A doutora passou remédio pra raiva. Risos... Eu fiquei muito decepcionada, muito triste... muito... muito profundamente com raiva dela falar uma coisas daquela. É... e aí ela disse ainda sabe o quê? Que Deus livrasse ela... que isso é magia, telepatia, a mídia e o caralho... Pô...pô...pô... pra que, pô? Ela me ofendeu demais da quantia. Aqui, ó...ó... o retorno, quarenta dias (aparece a imagem com essa data- 13-03-2001). Presta atenção nisso. Olha, e ainda mais, eu conheço médico, médico, médico, médico, médico, médico mermo! Direito, entendeu? Ela é a copiadora. Eu sou amigo dela. Eu gosto dela, eu quero bem a ela. Quero bem a todos, mas ela é a copiadora. Eles estão, sabe, fazendo o quê? Dopando, quem quer que seja... com um só remédio! Não pode, o remédio... Quer saber mais do que Estamira? Presta atenção, o remédio é o seguinte: Se faz bem, pára. Dá um tempo! Se fez mal... vai lá, reclama, como eu fui três vezes. Na quarta vez é que eu fui atendida, entendeu? Mas eu não quero o mal deles, não! Eles estão copiando! O tal de Diazepan, então! Entendeu? Se eu beber Diazepan... se eu sou louca, visivelmente, naturalmente... eu fico mais louca! Entendeu agora? O tal Diazepan... Não, eles vai lá... só copeia. Uma conversinha qualquer e só copeia e tom! Ah, o que que há, rapaz? Isso não pode, não, senhor! Como é que eu vou ficar o dia todo, todo o mês, cada marca... e eu vou lá apanhar o mesmo remédio! Não pode! É proibido! Ai... Harém... (gritando) Não pode! Entendeu agora? E eu não estou brincando... eu estou falando sério! Aqui, ó, será será como é que é o remédio. Eu ia devolver a ela... os seviciados... deles... porque não sou eu... Às vezes pode precisar e está aqui. Porque, na faculdade do Exército, quando eu fui operada aqui, ó... Tá enxergando? Aqui, ó! Entendeu? Eles me deram remédio... eu fui lá... na faculdade de Botafogo, faculdade do Exército em Botafogo.. e devolvi na farmácia. Falei com o médico e devolvi! Porque eu não estava precisando desse remédio, porra. Quem sabe sou eu! Quem sabe é o cliente... fica seviciando... fica dopando, vadiano... pra terra suja maldita, exoconmungada, desgraçada... mais ainda, que que é? Manjado, desmascarado, desgraçado! Porra! Aí, ó, tudo quanto é remédio que ela passou pra mim eu bebi. As quantia, os limite. Toda coisa tem limite! Esses remédio são da quadrilha... da armação... do dopante, pra cegar os home... pra querer Deus... Deus farsário! Entendeu? Esses remédio são dopante pra querer Deus farsário, entendeu?

Estamira: Ela falou que Deus que livrasse ela, o trocadilo é ela.

(01h07mim23)

Ângela Maria: Mais ou menos 12 anos passados... já era motorista e era voluntária num hospital. E aí eu conheci uma pessoa, uma senhora muito bacana...e... um dia ela chegou lá em casa com essa menina no... era pequenininha assim pela mão, e falou assim: “ Eu tenho um presente pra você”. Aí, eu falei: “ Não vai me dizer, filhinha, que é essa coisinha aí”. Ela falou: “ É esse bichinho do mato aqui... tô trazendo pra você cuidar.” Aí eu falei assim: “ Da onde é que ela saiu?” Aí ela me contou a história da menina... que a menina vivia na rua com a mãe... a mãe catava lixo... e... que o irmão dela mais velho não queria aquela vida pra menina... era muito preocupado com isso e aí ela falou: “ Vou marcar uma reunião com irmãos pros irmãos te conhecerem... porque há um impasse... a irmã quer botar a menina num colégio interno. O irmão acha que ela deve ir para uma casa de família, pra ter um lar.” Mas o irmão era mais velho e decidiu que ele é que deveria decidir... E, tudo bem, fiquei com a menina. Até então, eu só ouvia falar da Estamira. Que ela era de rua, que ela era mendiga... que ela catava lixo, que vivi disso... e... Aí, um ano depois, comecei a levar a menina de novo pra mãe ver. O encontro foi dramático demais, demais. A menina tremia igual vara verde

quando viu a mãe. Eu falei pra mãe que eu tive de mentir pra mãe me respeitar um pouco... não querer tomar a menina... né... que a gente tinha aquele medo ainda. Então, eu falei pra mãe que eu era assistente social... de um colégio interno de governo... e que o juiz que me deu posse da manina... de tirar a menina da rua... inventei uma historinha... com o consentimento do Hernani, naturalmente, pra mãe acreditar e não querer levar a menina na marra de volta. Ela queria muito uma família, um lar. Então, ela se adaptou com muita garra a nós, muito mesmo.

(01h09mim15)

Estamira: Maria Rita, entra aqui!

Maria Rita: Boa tarde.

Estamira: Boa tarde, cara do pai. Trem bonito.

Maria Rita: Tudo Bem?

Estamira: Mas pra que demorou desse tanto?

Maria Rita: Ah, o carro enguiçou. A senhora está bem, mãe?

Estamira: Tô

Maria Rita: Olha, pra mim que vivi lá. O Jardim Gramacho é um local de trabalho... sei lá, eu tenho uma imagem um pouco... um pouco macabra daquele lugar onde eu vivi porque eu vivi muita coisa... a maioria da parte que eu vi lá foi ruim. Eu era uma que catava entre os lixo, eu tinha acho que uns seis anos... que eu fui morar com essa minha madrastra que eu tinha... sete pra oito... já estava fazendo oito. E era horrível, tinha que pedir... pedi muito, trabalhar muito pra conseguir... um sanduiche, eu lembro. É muito... é muito triste, sabe, porque... eu, eu saí de perto da minha mãe... meu irmão me tirou de lá e eu já com a cabeça, já cresci... pensando em ajudar ela. Mas ela é um pouco difícil de querer ser ajudar. Eu, sinceramente... se eu pudesse eu não tinha saído de perto da minha mãe. Não tinha mesmo. Mas, se aquele Gramacho continuar, pode contar que ela vai morrer lá. Pode ter certeza.

Estamira: Vamos preparar o macarrão?

Maria Rita: Vamos preparar o macarrão.

Estamira: então vamos.

Maria Rita: Eu vou ser sincera, eu queria cozinhar igual a minha mãe, tá? Eu queria cozinhar igual a minha mãe, porque minha mãe cozinha bem.

Estamira: Não chega a tanto.

Menino: Sai da frente.

Hernani: Atrapalhando, né?

Maria Rita: A minha mãe, ela tá, acho que com medo do mundo... porque ela falou uma vez assim pra mim... que... acha que Deus não existe... que, quando fala em Deus, ela fica nervosa. Ela chegou, acho, num determinado tempo da vida dela... que se apagou... dentro dela... a... a fé. O que falta na minha mãe é fé.

Hernani: E depois que, né, o que ela entende como esse real poder, supremo, né... no caso, de Deus é a posição, né, que é supremo...entendeu?

Estamira: Que Deus, porra nenhuma! Não sabe nem o que que é Deus!

Hernani: Aí, no livro de Gênesis, ele fala, né... aí, pro final, ele fala... façamos o homem à nossa imagem segundo a nossa semelhança. E, no Apocalipse, que é o livro final da Bíblia, do Novo Testamento...

Maria Rita: Isso aqui eu não dispenso nada.

Hernani: "... Enganoso é o coração mais do que todas as coisas e perverso... quem o conhecerá?" Jeremias, 17,9.

Estamira: Que tristeza, hein?

Hernani: Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas... cada um se desviava pelo seu caminho, mas o Senhor fez cair sobre eles... a iniquidade de todos nós".

Estamira: Credo em cruz, credo em cruz...

Estamira: Entendeu O meu ouvido não é privada, otário! Otário tem não sei nem o quê! Não sei o que que otário tem que fa... acontecer na minha casa.

Menino: Voinha!

Estamira: Entendeu?

Hernani: "Há caminho que ao homem parece direito, mas ao fim dele... são os caminhos da morte". Provérbios, 14, 12.

Estamira: Que que há... vai tomar no cu!

Hernani: " Porque qualquer que guarda toda a lei, se deslizar em um só ponto...

Estamira: Bestaiado, bobado!

Hernani: ... é culpado de todos. São Tiago, e, 10.

Estamira: Inferno, vai pro céu, vai pro caralho! Bestaiado, bobado! Vai pra desgraça do caralho! Vai tomar no cu! Bestaiado, bobado! Meu ouvido não é privada! Dentro da minha casa? Dentro da minha casa, porra! Eu não caguei essa casa, não. Não foi cagado, não... Foi trabalhado, suado! Dia e noite no sol e na lama... vai pro inferno! Vai pro céu, vai pro caralho... vai tomar no cu! Entra dentro do cu da sua desgraça! Vai pro céu, vai pro inferno, vai pro caralho!

Hernani: Isso aí é o resultado de coisa, né?

Estamira: Vai tomar no cu! Baixo nível imundo!

Hernani: Bom, shalom, Adonai.

Estamira: Vai tomar no rabo! Vai tomar no seu cu! Entra dentro do cu... da desgraça, da sua desgraça! Esse pastor todinho é vigarista, vadio e vagabundo. Todos eles! Pior do que os padres! Piordo que... Absoluta! Consciente, lúcido e ciente... Absoluto!

(01h13min52)

Estamira: Sou louca, sou doisa, sou maluca. Eu sou azougada. Sou esses quatro coisas. Mas, porém, consciente, lúcido e ciente... sentimentalmente! Só comecei revelar em 86. Revelar de verdade mesmo, porque era muito abuso. Por isso é que eu tô revelando que o cometa tá dentro da minha cabeça. Sabe o que que significa a palavra cometa? Comandante, comandante natural... comandante. E, entã, conforme eu tav (Inica uma pseudo-glossolalia: dreine lárain déili e diz enearpi uai... lai... ah) A constelação... Todo o meio... eles ficou com raiva do cometa. Eles tá com raiva do cometa. Há determinados astros perversos... astros negativos... que está com raiva do cometa, porque o cometa achava... que ele não deveria procurar uma carcaça como a minha. Aí, volta lá. Procurar uma carcaça como, sabe? Maria Relense, mãe de Jesus! Que concedeu Jesus! Jesus filho de Davi caravahense! (Inicia outra pseudo-glossolalia: anicorroterite ilabóuquin sebilô rônî uôin isteelha uai) Aí... Mantenha o controle, mantenha o controle!

Estamira: O cometa é grande. É por isso que eu passo mal, a carcaça, a carne. Porque ela é muito grande. Ele não é do tamanho que vocês vê. Daqui... ele não é lá no alto espaço, não. Lá no alto espaço é o reflexo... ele é aqui embaixo! Ele não é lá em cima, não, é aqui em baixo. Lá o que vocês vê é o reflexo. A lua é lá no morro acolá, ó... Não é lá, não, assim não é o reflexo, é o contorno. Aí... Mantenha o controle (Iecassiano)... Mantenha o controle (Iecassiano)... Ái..ÁI..

(1h18min53)

Estamira: Isso aqui é um disfarce de escravo. Escravo disfarçado de liberto... de libertado. Olha, Isabel, ela soltou eles, né? E não deu emprego pros escravo, passam fome... comem qualquer coisa, igual aos animais... não tem educação. É, então... muito triste.

(1h19min38)

Estamira: Foi combinado... alimentai-vo o corpo com o suor do próprio rosto... não foi com sacrifício! Sacrifício é uma coisa, agora, trabalhar é outra coisa. Absoluto. Absoluto! Eu, Estamira que vos digo ao mundo inteiro... a todos! Trabalhar, não sacrificar!

(01h20min09)

João: Olha só, eu não abuso dela, não, tá? Né, Estamira, eu abuso da senhora?

Estamira: Não, não.

João: Nunca abusei dela.

Estamira: Só teve um dia... que me estranhou, né?

João: Quem? Eu estranhei a senhora?

Estamira: Teve um dia que me estranhou.

João: Então eu tava bebo, é, sô?

Estamira: Eu vou falar um negócio aqui.

João: Pode falar. A hora que ela passa mal aqui...

Estamira: Espera aí, calma! Calma, já chega. Espera, espera aí um pouquinho. Deixa eu falar um coisa séria aqui.

João: Pode falar, não tem problema, não.

Estamira: Eu tava verificando uma coisa...

João: Pode falar, não tem problema, não.

Estamira: Ô, João, por favor, calma.

João: Pode falar, pode falar, Estamira.

Estamira: Uma coisa séria eu vou falar.

João: Tá legal

Estamira: Não é por mim...

João: Uai... eu não tô falando nada...

Estamira: Eu tô falando aqui, João, por favor.

João: Eu vou sair fora, Marcos, eu vou sair fora.

Estamira: Se arretira, por favor.

João: Eu vou sair fora, tá, Marcos?

Estamira: Pois eu... eu não tô orientando ninguém, nem quero orientar ninguém. Eu tô alertando, porque... eu tenho a impressão...

João: Entendeu só? Tô bêbado demais. Eu bom, eu não sou ninguém, não. Eu bom é outra coisa. Entendeu? Mas eu considero todo mundo, respeito todo mundo, entendeu, cara? Sou respeitador, sabew

Estamira: Todo dia ele deita é lá. E, quando não deixa ele deitar lá com medo de ele queimar, ele acha ruim. Eu fico com dó demais, ele é muito bom, o João, entendeu? Eu tenho dó muito dele, ele é muito bom. Ele sabe ler e escrever muito. E, mesmo assim, acontece essas coisas. É o Trocadilo que fez isso com as pessoas. O homem não pode ser incivilizado. Todos os homens têm de ser iguais, tem que ser comunistas, comunismo. Comunismo é igualdade. Não é obrigado todos trabalhar num serviço só. Mas a igualdade é a ordenaçã... que deu quem revelou o homem, o único condicional. E o homem é o único condicional seja que cor for. Eu sou Estamira... eu não importa, eu podia ser da cor que fosse. Eu... é... formato homem, par... mas eu sou Estamira, eu não... mas eu não admito, eu não gosto... que ninguém rep... é... ofende cores nem formosura. O que importa... bonito é o que fez e o que faz. Feio é o que fez e o que faz. Isso é que é feio. A incivilização que é feio. Comunismo superior... o único comunismo.

João: Eu quero mais é paz na minha vida. Paz... Sofrimento nunca mais. Feliz Natal. Feliz Natal, mais nada.

(01h24mim)

Estamira: Eu, Estamira, visível e invisível... Eu tenho muitos sobrenomes. E esses sobrenomes. E esses sobrenomes... vêm de todo lugar. Lamentavelmente, o pai da minha mãe é famílias de Ribeiro... tudo polícia, tudo general, tudo não sei o quê, né? Ele é estuprador... ele estuprou... a minha mãe. E fez coisa comigo. A minha depressão é imensa. A minha depressão não tem cura... É, e... quando eu tinha nove anos... eu pedi ele pra comprar uma sandália pra mim... pra mim ir na festa que eu queria a sandália. Ele falou que só comprava se eu deitasse com ele. É, eu não gosto do pai da minha mãe, porque ele me pegou... com 12 anos e me trouxe pra Goiás Velho...e... lá era um... era um bordel. É... era um bordel, sabe, e eu prostituí lá. Era da... da filha dele. Aí, o pai do Hernani, ele me conheceu lá... aonde meu avô me deixou, lá no bordel... aí... eu tinha 17 anos. E gostou demais de mim e deu no meu pé... e arrumou uma casa e pôs eu dentro da casa. Mas o pai do Hernani, ele era muito cheio de mulher. Eu peguei e não aguentei. Larguei tudo dentro da casa e só apanhei o menino e vim embora pra Brasília. Eu tava lá na casa da tia, lá em Brasília. E apareceu o pai da Carolina lá, o italiano, e levou eu na casa dele. Aí deu certo e, depois, nós foi morar junto. E ele também é cheio de mulher. Eu vivi com ele 12 anos. Tive a Carolina e tive esse que fez o cesário. Esse que fez o Cesário nasceu invisível. E eu acho que o que mais me ajuda é esse que nasceu invisível.

(01h26min49)- Natal 2002.

Estamira: Eu, hein, que Deus é esse? Deus estuprador, Deus traidor... Trocadilo que não respeita mãe, que não respeita pai? Eu, hein? Ó, cadê sua tia Maria Rita? Cadê o Hernani que mora bem alí na casa da sua mãe? Eu, hein? Não adianta, não adianta nem tentar me esquecer, porque curando muito tempo em tua vida eu vou viver...

João: Se você pretende saber quem eu sou...

Estamira: Eu vou lhe contar...

João: E agora?

Estamira: Nas curvas da estrada de Santos...

João: Você vai me conhecer... por acaso numa curva... você me lembra do meu mundo.

Neto: Ô, vó, por que que tem tanta assim, raiva de Deus? O que que ele fez pra senhora?

Estamira: O que que você sabe de Deus? O que que você sabe de Deus? Você que tá fedendo a ovo! Eu achava que você fosse mais inteligente. Você tem apenas dez anos. Hora que você ficar grande, você vai ver! Tomara que você fica grande! Tomara que você fica grande!

Neto: Mas sem ele você não podia estar aqui agora... também...

Estamira: O quê?

Neto: Sem ele você não poderia estar aqui agora.

Estamira: É ruim? Você me respeita! Eu não quero perder a paciência! Eu não quero perder a paciência, porque você é meu neto! Você tá com Deus enfiado no teu cu? Deus tá enfiado no seu cu... pra falar isso pra mim? Você quer saber? Eu tenho 62 anos! Você quer saber mais de Deus do que eu? Eu vou na tua casa porque eu tenho dó da sua mãe! Eu tenho

dó da sua mãe, porque fui eu que pari ela. Não foi Deus que pariu a sua mãe, não! Foi eu! Foi eu que pari! Aqui, ó! Aqui que eu pari, foi aqui que eu pari a sua mãe! Aqui, ó! Foi aqui, ó! Eu vou na sua casa por causa disso! Se não, eu não ia, não! Eu tô aqui... nessa guarda... por causa disso! Fui eu que pari o seu Deus... não foi sua mãe, não! Quem foi que pariu sua mãe fui eu! Você pega teu Deus e vai pro caralho! Vai pro inferno, vai pro céu, vai pú caralho!

(01h29min44)

Estamira: Eu hoje estou tão triste... eu

Carolina: Ô, mãe, cadê a cerveja?

Estamira: Queria tanto conversar com o capeta.

Carolina: Você tava batendo boca com a tua avó?

Estamira: você é doida demais, você é doida demais.

Convidado: Dá um refrigerante aí, Carol, Carolzinha, por favor, aí. Ah, não tem copo ali.

Neto: “ Não, não, não... não foi Deus que fez a sua mãe, não, fui eu!” Ela tirou a calça assim: “Aqui!”

Carolina: Já falei que quando sua avó começa, não tem que discutir nada. Ela começou a falar, cala a boca. Fica quieto.

Estamira: Eu sou perfeita. Eu sou perfeita. Meus filhos são comuns. Eu sou perfeita! Eu sou melhor que Jesus! Me orgulho por isso! Se quiser fazer comigo pior do que ele fez com o tal Jesus... pode fazer! A morte é maravilhosa. A morte é dona de tudo. A morte é dona de tudo. Deus... ! Quem fez Deus foi os home!

(01h32min29)

Estamira: Engraçado... eu não sei se é “por incrível que pareça” a palavra certa... o que eu mais sinto falta na minha vida é a minha mãe. O que mais lembro na minha vida, minuto por minuto, é a minha mãe. Um dia a minha mãe me perguntou assim: “ Nené, você já viu eles?”. Eu falei: “Que eles?”. Ela falou: “ Eles, é uma porção deles”. Era os astros que atentava ela. Os astros ofensível... negativo... que atentava ela. E eu sou do astro positivo, eu não sou do astro negativo. Eu sou so astro positivo... útil.

Carolina: O meu pai judiou muito dela. Disse pra minha mãe assim: “ ou você interna a sua mãe ou a gente não vive junto.”

Estamira: Primeiro, ele chamou a ambulância pra levar a minha mãe. Chamou médico com camisa-de-força. Aí, o médico falou: “ Não, essa daí não é camisa-de-força, essa daí não precisa”. Tá bom. Aí ele ficou me atendando, me atentando, me atendando... até que fez eu levar a minha mãe lá no Engenho de Dentro. Nós fomo de trem... coitada da minha mãe, inocente... Tá bom, aí deixei ela lá no hospício.. Quando foi na quinta-feira... eu fui lá visitar ela, ela tava com o braço todo roxo. Eu falei: “o que que foi isso, mãe? Ela falou: “Foi o desgraçado”. Deu choque nela, bateu nela, ela tava com o braço tudo roxo.

Carolina: Minha avó falava assim... chamava ela de “Estanira”. “Estanira... tenha dó de mim. Me tira daqui, Estanira!”

Estamira: Aí eu fiquei com dó demais dela, mas deixei ela lá assim mesmo. Falei: “Depois eu venho, mãe... venho ver a senhora, buscar a senhora.”

Carolina: A partir do momento que ela largou meu pai... a primeira coisa que ela fez... deixou nós na casa não sei de quem... no morro lá e foi buscar minha avó no dia seguinte. E minha avó sempre seguiu com a gente até morrer. Então pra que eu nunca carregasse isso que ela carrega até hoje... eu já sabendo dessa história, eu jamais tentei fazer isso. Até hoje ela carrega isso com ela, ela chora até hoje por isso.

(01h35mim35)

Atendente: Estamira!

Estamira: Oi, ai... como a vida é dura, né gente? A vida é dura, dura, dura, dura... A vida não tem dó, não. Ela é mau. Mais que a gente pejeja, que a gente quer bem... que a gente quer o bem, mais... fica... destraviado. Aí, ó, tem coisa zoando aqui, ó, no meu ouvido. Faz assim... timmm... E au acho que é os remédio, entendeu? Porque... eu bebo muito remédio, mas muito remédio... e eles tudo é dopante, esses remédio. Eu acho que é por isso que eu tô com a língua assim...

Estamira: Desgovernada, eu tô desgovernada. Sabe o que que é uma pessoa desgovernada? Uma pessoa nervosa assim, querendo falar sem poder... agoniada. E Eu não sei o que que eu faço. Eu já tive pensando em parar um ano sem beber o remédio. Porque tem vez que a minha cabeça tá parecendo sabe o quê? Um copo cheio de Sonrisal, fervendo assim, ó.

(01h37mim35)

Estamira: “Atesto que Estamira Gomes de Souza... portadora de quadro... é... psicótico de evolução... crônica... alucinações... auditivas... idéias de... influências... discurso místico... deverá permanecer em tratamento... psiquiátrico... continuando... continuando”.

Estamira: Bem, a deficiência mental... eu acho que tem é quem, é imprestável, né? Ora, eles que tem problema mental... bem, perturbação também, é, né? Perturbação, depois eu tive pensando, perturbação também é... mas não é deficiência, né? Perturbação é perturbação. Qualquer um pode ficar perturbado.

Carolina: Minha irmã Maria Rita é... uma grande preocupação para minha mãe, né? Porque... já está com 21 anos e ainda não conseguiu... acho que não conseguiu se achar.

Maria Rita: Eu não condeno nenhum dos três, não, mas eu falo mesmo... de vez em quando eu tenho uma mágoa deles. Se minha mãe criou os dois... passando fome, eu achava que ela tinha que ter me criado também. Ela tinha condições de ficar comigo, sim. Entendeu? Só que as pessoas não via isso. Ei via. Eu acho que eu sobreviveria com a minha mãe. A Ângela falou assim pra im: “Você quer ir lá ver a sua mãe?” Eu falei assim: “Quero”. Aí, eu cheguei, olhei pra ela assim, ela tava deitada. Aí ela ficou me olhando. Sabe, eu lembrava da minha mãe... eu lembrava da minha mãe, eu lembrava que eu tinha uma mãe... mas um tempão que eu fiquei sem ver a minha mãe. Aí, quando eu vi minha mãe, eu lembro como se fosse hoje... ela estava sentada assim na varanda, no chão da varanda... Aí, quando eu... quando eu cheguei, aí ela tava lá, e falou: “olha lá a sua mãe”. Aí...aí...aí... meu irmão: “Vai lá ver sua mãe”. Aí, quando eu olhei minha mãe, eu fiquei com muito medo dela. Aí, me deu um medo deles me tirar da Ângela e eu ter que voltar pra ela. Aí eu fiquei com medo, fiquei assim: “Caramba, eu tenho uma mãe assim!” Até hoje é confuso. Eu não sei o que é que é

bom. Não sei se foi bom viver com a Ângela. Não sei se foi bom eu ter deixado a minha mãe. Mas minha mãe... a minha mãe, Estamira, ela merece muita coisa. Ela vai conseguir ainda.

(01h40min55)

Carolina: Depois que ela foi... que ela foi para o lixão de Caxias.... eu acho que ela não... Ela melhorou muito, assim... em relação aos distúrbios. Às vezes ela fala certas coisas que parecem até, assim, verdade... que você fica, que te deixa balançado. Mas meu irmão não acha isso, meu irmão acha que ela é... totalmente possuída por uma força maligna.

Hernani: Hoje minha mãe tá do jeito que ela tá, né? Depois de tudo o que ela passou na vida. Eu não tô julgando ela, não tenho raiva dela... o que eu tô fazendo ela, não tô, não tenho raiva dela... o que eu tô fazendo... o que eu tô... eu tô assim... procurando mais... ir na casa dela... nem conversar com ela é porque... toda vez que eu vou falar com ela, ela blasfema contra Deus... Ela... misturou um montão de... acho que...Deus e religião... clinicamente falando, ela... é completamente, né... É louca, né? Tem o laudo até o médico. Mas, ela espiritualmente, ela parece... a pessoa, acredita ou não acredita, é influência demoníaca, demônios, né? Inventou um montão de nomes, aí faz ela ficar daquele jeito. Então, aquilo já tava me cansando, me chateando muito. Então... eu falei com Deus, né, na minha fé, na minha oração, falei assim: “Eu só quero voltar, assim, a ter com a minha mãe na casa dela ou lá em casa... Só quando o Senhor me der a... a certeza de que ela tá perdoada... ta liberta e curada pelo Senhor, porque o Senhor, né, pode tudo, né?”

(01h43min30)

Estamira: Os homens tá pior do que os quadrútiplos. É a decepção... de todos os espaços. A decepção de quem revelou o homem como único condicional. É mole? Me dá tristeza, me dá vergonha, me dá nojo! Que que eu faço? Olha, eu já tive vontade de desencarnar! Eu falei: “Mas, se eu desencarnar, eu não cumpro a minha missão.” A minha missão é revelar, seja lá a quem for, doa a quem doer. A minha cabeça atrapalha muito...

Estamira: Mas o trocadilho fez com que... me separasse até dos meus parentes. Eles não tão vendo também, não. Eles estão igual Pilatras... fez com Jesus. Já me bateram com pau pra mim aceitar Deus... mas esse Deus desse jeito... esse Deus deles... esse Deus sujo, esse Deus estuprador... esse Deus assaltante... de qualquer lugar... de tudo quanto é lugar... de tudo quanto é lugar... esse Deus arrombador de casa... com esse Deus eu não aceito! Nem picadinha a carne... nem a minha carne picadinha de faca, de facão, de qualquer coisa... eu não aceito, não adianta. Eu sou a verdade, eu sou a verdade. O homem é o superior da terra, o bicho superior. Homem também é bicho, mas é superior. Trocadilo fez isso. Agora vou revelar. Quem quiser me matar pode matar. Não mataram Jesus? Jesus não é bom demais agora depois que ele morreu? Mas eu não, comigo é esquisito.

Estamira: A solução é... fogo. A única solução... é... o fogo. Queimar tudo os espaços, os seres... e pôr outros seres... nos espaços. A Terra disse... ela falava, ela... agora que já tá morta. Ela disse que então ela não seria... testemunha de nada. Olha o que que aconteceu com ela. Eu fiquei mal com ela uma porção de tempo e falei pra ela... que até que ela provasse o contrário. Ela me provou o contrário... a Terra. Ela me provou o contrário, porque ela é indefesa. A Terra é indefesa. A minha carne, o sangue, é indefesa como a Terra. Mas eu tô no meio... pode queimar. Eu tô no meio, invisível. Se queimar meu sentimento, minha carne, meu sangue... se for pra o bem, se for pra verdade, pra o bem.. pela lucidez de todos os seres, pra mim pode ser agora, nesse segundo. Eu agradeço ainda...

(01h47mim45s)

Imagem de Estamira fazendo um ato como se ela tivesse digitando algo numa porta imaginária. Ela está diante do mar...

Estamira: Eu, Estamira, eu não concordo com a vida. Eu não vou mudar o meu ser, eu fui visada assim. Eu naci assim... e eu não admito... as ocorrência que existe... que tem existido com os seres... sanguinho... carnívoro, terrestre. Não gosto de erros, não gosto de suspeitas... não gosto de judiação, de perversidade... não gosto de homilhação... não gosto de imoralidade... O fogo, ele está comigo agora, ele está me queimando... ele tá me testano. Sentimento... todos astros... têm sentimento. Este astro aqui, Estamira, não vai mudar o ser... Não vou ceder a nada. Eu sou Estamira e tá acabado, é Estamira mesmo.

Estamira: Aí, ô, sirene, porra! Sirene, porra! Aí!

Estamira: Eu nunca tive... sorte. A única sorte que eu tive... foi de conhecer... o Sr. Jardim Gramacho, o lixão. O Sr. cisco nonturno... que eu amo... eu ador... como eu quero bem os meus filhos e como eu quero bem meus amigos.

Estamira: A mãe não pode ir agora, não. A mãe não pode ir agora, não.

Estamira: Eu nunca tive... aquela coisa que eu sou: sorte boa.

Estamira: Sirene, ô sirene, ô sirene, pô... eu não vou agora, não... não posso, não... posso não. Sirene, sirene, eu não posso ir agora, não, sirene! Não posso ir agora, não, Sirene! Puxa vida. Sirene! Dejanir, submergir! Dejanir, submergir! Dejanir, a outra filha minha, filha marítima. São filhas marítimas.

Estamira: Tudo que é imaginário, tem existe, é. Sabia que tudo que é imaginário existe e é e tem? Pois é...